



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

RECOMEÇ(O)ANDO UMA HISTÓRIA DE LEITURA E ESCRITA:

AÇÕES DE INCLUSÃO E VALORIZAÇÃO CULTURAL DO PROJETO  
DE EXTENSÃO DA UNIRIO COM OS ALUNOS DA EJA ESQUECIDOS  
DO SISTEMA EDUCACIONAL

RAFAEL ANACLETO ROSA

RIO DE JANEIRO

Dezembro/2017

RECOMEÇ(O)ANDO UMA HISTÓRIA DE LEITURA E ESCRITA:  
AÇÕES DE INCLUSÃO E VALORIZAÇÃO CULTURAL DO PROJETO  
DE EXTENSÃO DA UNIRIO COM OS ALUNOS DA EJA ESQUECIDOS  
DO SISTEMA EDUCACIONAL

RAFAEL ANACLETO ROSA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Escola de Educação, da  
Universidade Federal do Estado do Rio de  
Janeiro como requisito final para obtenção  
do grau de Licenciatura em Pedagogia.

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adrienne Ogêda Guedes (Orientadora)

Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

RIO DE JANEIRO

Dezembro/2017

RECOMEÇ(O)ANDO UMA HISTÓRIA DE LEITURA E ESCRITA:  
AÇÕES DE INCLUSÃO E VALORIZAÇÃO CULTURAL DO PROJETO  
DE EXTENSÃO DA UNIRIO COM OS ALUNOS DA EJA ESQUECIDOS  
DO SISTEMA EDUCACIONAL

RAFAEL ANACLETO ROSA

Avaliada por:

---

Professor leitor: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Ribeiro

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Departamento de Didática – Escola de Educação  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

“Creio para compreender, e compreendo para crer melhor. ”

SANTO AGOSTINHO

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Senhor Jesus, que é o meu verdadeiro motivo de estar concluindo esta jornada.

“... Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis os seus caminhos! Por que quem compreendeu a mente do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro? Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente...”

Romanos 11:32-36

## AGRADECIMENTOS

A Renata C. S. Rosa, “Meu lindo Amor”, que se desdobrou em cuidar de tudo durante esses 5 anos e principalmente na conclusão desse trabalho. Com toda paciência e amor do mundo nos faz uma família feliz. Ao Samuel Rosa, “meu melhor amigo para sempre e sempre”, que ficava esperando acordado até tarde para brincar comigo. Ao Davi Rosa que chegou no término dessa jornada para abrilhantar nossas vidas. Aos meus pais que cuidaram e ensinaram tudo que sei e a minha irmã querida, Elisa Rosa, pelo apoio e incentivo nessa jornada.

A todos amigos do trabalho que me apoiaram em todos os momentos na escala de serviço.

Aos amigos da UNIRIO pelo acolhimento, amizade e companheirismo. Em especial para Maria Clara, Edna, Rayanne, Vivianne, Alessandra, Juliane (dupla), Ariane, Naide, Celso e Françoar.

Toda a equipe com que trabalhei nesses três anos no projeto, em especial as bolsistas Juliane Faria e Jocelma Komarov e também é claro os participantes do projeto (Donato, Marcos, Terlino, Gerusa e Luzia) com quem desenvolvi toda construção desse trabalho final.

A todos os professores que fizeram parte dessa minha caminhada. Em especial a Professora Tânia Mara (in memoria) que acompanhou meus primeiros passos acadêmicos.

As professoras Adrienne Ogêda Guedes, por orientar e Eliane Ribeiro por ter aceitado, generosamente, ler e avaliar este trabalho.

Certamente esqueci de alguém querido, mas creio que vão perdoar-me e a todas as pessoas que fizeram parte dessa importante fase de minha vida, desde já peço desculpas e expresso minha gratidão.

RAFAEL ANACLETO ROSA. RECOMEÇ(O)ANDO UMA HISTÓRIA DE LEITURA E ESCRITA: AÇÕES DE INCLUSÃO E VALORIZAÇÃO CULTURAL DO PROJETO DE EXTENSÃO DA UNIRIO COM OS ALUNOS DA EJA ESQUECIDOS DO SISTEMA EDUCACIONAL. Brasil, 2017, 73 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar o Projeto de Extensão universitária que envolve ações pedagógicas voltadas para a comunidade trabalhadora terceirizada da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO. A leitura e escrita são compreendidas como fatores decisivos de inserção social em centros urbanos. Uma grande quantidade de práticas sociais envolve o projeto de extensão “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos: extensão da Escola de Educação e da Fábrica de Cuidado” e conhecido entre os participantes como RECOMEÇO”, nome que o grupo inicial, em 2015, conferiu ao mesmo. Trata-se de uma parceria entre as Escolas de Educação e de Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro que se encontra em seu terceiro ano de trabalho. Pelo projeto tem passado diferentes facilitadores de aprendizagem como: bolsistas, estudantes voluntários, professores e profissionais afins. Nossa prática realiza-se promovendo a circulação de textos variados e assenta-se no tripé do desenvolvimento da leitura, da escrita e da expressão oral. Nossas ações pedagógicas valorizam o indivíduo, seus saberes e sua história. A leitura permite o acesso a novos conhecimentos e um posicionamento mais consciente em debates que envolvam temas sociais relevantes.

Palavras-chaves: Educação de Jovens e Adultos, ética e valorização.

RAFAEL ANACLETO ROSA. RECOMEÇ(O)ANDO UMA HISTÓRIA DE LEITURA E ESCRITA: AÇÕES DE INCLUSÃO E VALORIZAÇÃO CULTURAL DO PROJETO DE EXTENSÃO DA UNIRIO COM OS ALUNOS DA EJA ESQUECIDOS DO SISTEMA EDUCACIONAL. Brasil, 2017, 73 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

## **ABSTRACT**

This paper aims to present the University Extension Project that involves pedagogical actions directed at the outsourced working community of the Federal University of the State of Rio de Janeiro - UNIRIO. Reading and writing are understood as decisive factors of social insertion in urban centers. A great deal of social practice involves the project titled and registered in the extension department as "Reading and Writing Practices, Cultural Group for Young People and Adults: Extension of the School of Education and Care Factory" is known among the participants as RECOMMENDATION " , name that the initial group, in 2014, conferred upon it. It is a partnership between the Education and Nursing Schools of the Federal University of the State of Rio de Janeiro, which is in its third year of work. Through the project, different learning facilitators such as scholarship recipients, volunteer students, teachers and related professionals have passed. Our practice is to promote the circulation of varied texts and is based on the development of reading, writing and oral expression. Our pedagogical actions value the individual, his knowledge and his history. Reading allows access to new knowledge and a more conscious positioning in debates involving relevant social issues.

Keywords: Youth and Adult Education, ethics and valorization.

## ÍNDICE DE SIGLAS

SNEA - Serviço Nacional da Educação de Adultos

EJA - Educação de Jovens e Adultos

CNEA - Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo

MEB - Movimento da Educação de Base

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

INEP - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos

SEA - Serviço de Educação de Adultos

ONU - Organização das Nações Unidas

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

CNER - Campanha Nacional de Educação Rural

UNE - União Nacional dos Estudantes

CNB/CEB - Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Básica

PAS - Programa Alfabetização Solidária

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

## ÍNDICE DE FOTOGRÁFICO

|                                                                                                                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Fotografia 01 – 2015, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Participantes (foto do acervo do grupo) _____                  | 34 |
| Fotografia 02 – 2015, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Votação (foto do acervo do grupo) _____                        | 38 |
| Fotografia 03 – 2015, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Capa do livro (foto do acervo do grupo) _____                  | 39 |
| Fotografia 04 – 2015, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Atividade de História (foto do acervo do grupo) _____          | 42 |
| Fotografia 05 – 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Atividade Matemática: Escambo (foto do acervo do grupo) _____  | 46 |
| Fotografia 06 - 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Atividade Material Dourado (foto do acervo do grupo) _____     | 47 |
| Fotografia 07 – 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Biblioteca Nacional (foto do acervo do grupo) _____            | 48 |
| Fotografia 08 – 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Biblioteca Parque (foto do acervo do grupo) _____              | 50 |
| Fotografia 09 - 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Biblioteca Unirio (foto do acervo do grupo) _____              | 50 |
| Fotografia 10 - 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Varal Literário (foto do acervo do grupo) _____                | 51 |
| Fotografia 11 - 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Sarau (foto do acervo do grupo) _____                          | 52 |
| Fotografia 12 - 2017, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Contextualizando a diversidade (foto do acervo do grupo) _____ | 55 |
| Fotografia 13 - 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Escrito da Gerusa (foto do acervo do grupo) _____              | 61 |
| Fotografia 14 – 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Escrito da Gerusa (foto do acervo do grupo) _____              | 62 |
| Fotografia 15 – 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Escrito do Marcos (foto do acervo do grupo) _____              | 63 |
| Fotografia 16 – 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Escrito do Marcos (foto do acervo do grupo) _____              | 63 |

|                                                                                                                                                 |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Fotografia 17 – 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Escrito do Donato (foto do acervo do grupo) _____  | 64 |
| Fotografia 18 – 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Escrito do Donato (foto do acervo do grupo) _____  | 65 |
| Fotografia 19 – 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Escrito do Donato (foto do acervo do grupo) _____  | 65 |
| Fotografia 20 – 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Escrito do Terlino (foto do acervo do grupo) _____ | 66 |
| Fotografia 21 - 2016, “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, Escrito do Terlino (foto do acervo do grupo) _____ | 67 |

## SUMÁRIO

|                                                                                               |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução                                                                                    | 14 |
| Capítulo I – Educação como prática de cidadania                                               | 16 |
| 1.1. Panorama da EJA no Brasil                                                                | 16 |
| 1.2. 200 anos de privilégio absoluto                                                          | 17 |
| 1.3. Ações dos Movimentos Sociais                                                             | 19 |
| 1.4. Período: Ditadura Militar                                                                | 20 |
| Capítulo II – Pensando as bases conceituais do projeto recomeço a partir das ideias de Freire | 23 |
| 2.1. Praticando leitura e escrita no cotidiano                                                | 23 |
| 2.2. Praticar cidadania é um exercício                                                        | 24 |
| 2.3. Autonomia e cidadania como focos centrais                                                | 26 |
| 2.4. Ações libertadoras na leitura e escrita                                                  | 28 |
| Capítulo III – Apresentando o projeto                                                         | 32 |
| 3.1. Semeando sonhos                                                                          | 32 |
| 3.2. Atividades realizadas no projeto recomeço                                                | 36 |
| 3.2.1. Ano 2015: O primeiro ano do projeto, algumas ações                                     | 36 |
| 3.2.2. Autonomia: Nomeação/ Biografia                                                         | 37 |
| 3.2.3. Saúde: Palestra de Enfermagem                                                          | 40 |
| 3.2.4. Valorização / Cuidar: Palestra Oftalmológica / Óculos                                  | 41 |
| 3.2.5. História: História do Brasil                                                           | 42 |
| 3.2.6. Ano 2016: Aprofundando as bases do projeto                                             | 44 |
| 3.2.7. Língua Portuguesa: Construção de Texto                                                 | 44 |
| 3.2.8. Matemática: Escambo / Material Dourado                                                 | 45 |
| 3.2.9. Bibliotecas: Nacional / Parque Estadual / Unirio                                       | 48 |
| 3.2.10. Literatura: Poesia / Sarau                                                            | 51 |

|                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------|----|
| 3.2.11. Ano 2017: Consolidando autonomia _____              | 52 |
| 3.2.12. Criatividade: Foto Novela _____                     | 53 |
| 3.2.13. Cultura Regional _____                              | 54 |
| <br>                                                        |    |
| Capítulo IV – Os sujeitos do projeto e suas histórias _____ | 57 |
| <br>                                                        |    |
| 4.1. Os Participantes e suas experiências _____             | 57 |
| 4.1.1. Gerusa _____                                         | 57 |
| 4.1.2. Marcos _____                                         | 58 |
| 4.1.3. Sebastião da Silva Donato _____                      | 59 |
| 4.1.4. Terlino Briel _____                                  | 60 |
| 4.2. Produções dos Participantes _____                      | 61 |
| 4.2.1. Gerusa _____                                         | 61 |
| 4.2.2. Marcos _____                                         | 62 |
| 4.2.3. Sebastião da Silva Donato _____                      | 64 |
| 4.2.4. Terlino Briel _____                                  | 66 |
| <br>                                                        |    |
| Considerações finais _____                                  | 69 |
| <br>                                                        |    |
| Referências _____                                           | 71 |

## INTRODUÇÃO

Nascido e criado no município do Rio de Janeiro, meus pais mesmo com pouco estudo, sempre acreditaram que seria na educação que eu teria um bom futuro profissional. Consegui, em razão de muita luta de meus pais, uma vaga na educação infantil em escola privada, porém minha permanência não durou muito tempo, por motivo simples: financeiro, é claro. Cursei todo o ensino fundamental e médio em escola pública. Logo que terminei o ensino médio me deparei com uma dura realidade, não tinha nenhuma condição de realizar o vestibular, com isso fui trabalhar para continuar meus estudos. Paralelamente, a tudo isso, minha mãe voltava aos estudos no antigo supletivo (MOBRAL), com o incentivo da minha irmã que cursava o antigo 2ª grau normal, atual segundo ano do Ensino Médio. A dificuldade de acesso ao ensino é uma realidade em minha família de origem.

Ao conseguir ingressar em uma universidade pública aos trinta e quatro anos, depois de muitas tentativas, começaram a surgir os meus primeiros questionamentos sobre a quantidade de pessoas não escolarizadas. O tema exclusão no contexto da Educação de Jovens e Adultos em sala de aula e posteriormente minha participação no Projeto de extensão “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, no ano 2015, incentivou o interesse sobre o assunto.

O Projeto de Extensão Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos: extensão da Escola de Educação e da Fábrica de Cuidado”, tem como objetivo promover a leitura e a escrita dos participantes por meio do debate dos temas pertinentes a realidade do grupo. Nossos planos de aula valorizam o conhecimento e a capacidade de reflexão crítica como mecanismos de inserção no mundo letrado, proporcionando também crescimento na experiência, na ação e na realização.

Através deste trabalho de conclusão de curso pretendo expor o caminho de minha inquietação e estudos acadêmicos sobre ações pedagógicas que valorizam e incluem os adultos com pouca escolaridade. O afastamento e o “esquecimento” do Estado desse grupo de pessoas me causam inquietude, pois as diferenças sociais, exclusão e a formação educacional do indivíduo são

cravadas em suas histórias. Na universidade pude presenciar uma ação pedagógica transformadora, então começou a surgir os meus primeiros questionamentos sobre o tema da exclusão escolar e posteriormente no Projeto de Extensão Recomeço, aonde pude ver a comunidade terceirizada trabalhadora da UNIRIO sendo valorizada, percebi como uma ação pedagógica acolhedora pode/faz a diferença no resgate e incentivo na educação desses participantes. Pois os estudantes que foram excluídos e esquecidos pelo nosso sistema de ensino necessitam ser resgatados para nossa sociedade letrada.

A hipótese deste trabalho é a de que alunos da EJA necessitam de momentos de aprendizagem em que sua autonomia e autoconfiança sejam garantidas e estimuladas. No capítulo I, Educação como prática de cidadania, trago uma síntese da história da Educação de Jovens e adultos no Brasil, com alguns fatos históricos, refletindo sobre a urgência do quadro de analfabetismo Brasileiro.

O capítulo 2 “Pensando as bases conceituais do projeto recomeço a partir das ideias de Paulo Freire”, apresenta o embasamento teórico do projeto em consonância com o ideário pedagógico de Freire.

Na sequência deste trabalho, no terceiro capítulo, é a apresentação do projeto e as atividades realizadas pelos participantes. Apostamos em uma educação humanizada para esses Jovens e Adultos como forma de contribuir para sua autonomia e autoconfiança na capacidade de aprender.

O capítulo 4 “Os sujeitos do projeto e suas histórias”, apresenta dados coletados através de entrevista com os participantes, para este estudo, na minha participação como voluntário no projeto nos anos de 2015, 2016 e 2017. A entrevista foi realizada com quatro participantes do projeto. Com as seguintes perguntas: 1. O que mais marcou nas atividades em sala de aula? 2.As atividades realizadas mudaram seu dia a dia? 3.As aulas do projeto ajudaram você em que? Com esses dados buscamos entender e explicitar a necessidade de ações educativas assertivas e suas possibilidades, compreendendo algumas perspectivas teórico metodológicas pertinentes.

Nas considerações finais são apresentadas as conclusões da pesquisa, não definitivas, mas conclusões que possam ajudar novos estudantes de pedagogia a compreender que as ações humanitárias e éticas são necessárias para novos leitores e escritores da população esquecida.

## **CAPÍTULO 1**

### **Educação como prática de cidadania**

Esse capítulo aborda uma síntese da história da Educação de Jovens e adultos no Brasil, com alguns fatos históricos podemos brevemente perceber as ações educativas atuais e históricas no Brasil. Refletir sobre o que deu certo em nosso contexto e o que foi apenas uma tentativa pouco expressiva é necessário. A participação da sociedade na educação dos sujeitos da EJA foi e continua sendo necessário para a formação de sujeitos críticos que reflitam sobre suas histórias.

#### **1.1. Panorama da EJA no Brasil**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é presente no Brasil desde sua colonização com os Jesuítas que se dedicavam a alfabetizar os indígenas e negros. A partir da década de 1930 o governo cria o Plano Nacional de Educação que estabeleceu como dever do Estado o ensino primário integral, gratuito, de frequência obrigatória como direito constitucional. Estabelecido na Carta da Constituição Brasileira de 1934 (BRASIL, 1934):

Art 149 - A educação é direito de todos e deve ser ministrada, pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no País, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana.

Através da discussão sobre o analfabetismo no Brasil em 1947, cria-se o Serviço Nacional da Educação de Adultos (SNEA) voltado ao ensino Supletivo. Nos anos 50 é realizada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA) e na década de 1960 o Movimento da Educação de Base (MEB). Logo após, em 1967, o governo militar cria o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), com o intuito de alfabetizar funcionalmente. Na década de 1970 destaca-se no país o ensino supletivo, criado em 1971 pela Lei

de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº. 5.692/71). Nos anos 80 foi possível implantar a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (Fundação Educar), vinculada ao Ministério da Educação, que apoiava às iniciativas de alfabetização existentes. Com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (nº. 9.394/96), que reafirma o direito dos jovens e adultos: (BRASIL, 1996).

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria. § 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. § 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. § 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.

A educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil é marcada pela descontinuidade de políticas públicas. Neste sentido a demanda dessa modalidade é crescente e o potencial do cumprimento do direito nos termos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988 são necessidades urgentes. Até então, o que se viu foi à criação de programas, em curto prazo, que não garantem que os estudantes deem continuidade aos estudos. Ainda há que se avançar com relação ao ensino de EJA, já que ela ainda é visto às margens das políticas educacionais. A criação de uma política pública educacional e ações pedagógicas que atenda aos anseios dos sujeitos da EJA são grandes e emergentes.

## **1.2. 200 anos de privilégio absoluto**

A Companhia Missionária de Jesus tinha a função básica de catequizar e alfabetizar na língua portuguesa os indígenas e negros que viviam na colônia brasileira. Com a saída dos jesuítas do Brasil em 1759, a educação de adultos

entra em colapso e fica sob a responsabilidade do Império a organização e o exercício da educação. A identidade da educação brasileira foi sendo marcada pela elite portuguesa que restringia a educação às classes mais abastadas. As aulas régias ênfase da política pombalina, eram designadas especificamente aos filhos dos colonizadores. Dessa forma, a história da educação brasileira foi sendo demarcada pelo monopólio das classes dominantes. Essa contextualização nos dá a situação em que se iniciou a educação brasileira. É importante lembrar que a partir da constituição Imperial de 1824 procurou-se dar um significado mais amplo para a educação, garantindo a todos os cidadãos a instrução primária. No entanto, essa intenção, infelizmente ficou só no papel. Conforme aponta Andrade (2008):

O primeiro recenseamento nacional brasileiro foi realizado durante o Império, em 1872, e constatou que 82,3% das pessoas com mais de cinco anos de idade eram analfabetas. Essa mesma proporção de analfabetos pelo censo realizado em 1890, após a proclamação da República. (ANDRADE, 2008, pag.24)

Havia uma grande discussão em todo o Império de como inserir as chamadas camadas socialmente desfavorecidas (homens/mulheres pobres livres e negros libertos) nos processos de formação educacional. Fruto dessas discussões, a formulação do Ato Constitucional de 1834, ficou sob a responsabilidade das províncias a instrução primária e secundária de todas as pessoas, mas que foi designada especialmente para jovens e adultos. Em 1879, a Reforma Leôncio de Carvalho caracterizava o analfabeto como dependente e incompetente. Posteriormente em 1881, a Lei Saraiva corrobora com a ideia da Reforma de Leôncio de Carvalho restringindo o voto às pessoas alfabetizadas. Com o início do século XX houve uma grande mobilização social que pretendia acabar com o analfabetismo. Em 1915 foi criada a Liga Brasileira contra o Analfabetismo que pretendia lutar contra essa situação. Com esses dados percebemos que a educação era privilégio de poucos e a grande população ficava a mercê de políticas públicas educacionais deficientes ou até mesmo inexistentes.

### 1.3. Ações dos Movimentos Sociais

Em 1934, foi criado o Plano Nacional de Educação que previa o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas. Esse foi o primeiro plano na história da educação brasileiro que previa um tratamento específico para a educação de jovens e adultos. E foi a partir da década de 40 e com grande força na década de 50 que a educação de jovens e adultos volta a pautar a lista de prioridades necessárias do país. Em 1938 foi criado o INEP (Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos) e a partir de suas pesquisas e estudos, foi fundando em 1942 o Fundo Nacional do Ensino Primário com o objetivo de realizar programas que ampliasse e incluísse o Ensino Supletivo para adolescentes e adultos. Em 1946 surge a Lei Orgânica do Ensino Primário que previa o ensino supletivo, e em 1947 surgiu um programa, de âmbito nacional, visando atender especificamente às pessoas adultas, com a criação do SEA (Serviço de Educação de Adultos). A finalidade do SEA era de coordenar, no geral, os trabalhos dos planos anuais do ensino supletivo para adolescentes e adultos analfabetos. Esse movimento que durou até fins da década de 50 foi denominado de Primeira Campanha Nacional de Educação de Adultos. De acordo com Andrade (2008):

Pouco, porém, foi realizado nesse período no sentido de desencadear ações educativas que se estendessem a uma ampla faixa da população. Devido às escassas oportunidades de acesso à escolarização na infância ou na vida adulta, até 1950 mais da metade da população brasileira era analfabeta, o que a mantinha excluída da vida política, pois o voto lhe era vedado. (ANDRADE, 2008, pag.25).

A orientação da ONU e da UNESCO era de que a educação contribuísse para o desenvolvimento das “nações atrasadas”. Dessa ideia surgiram dois documentos que abordavam o tema do voluntariado, em 1948, Relação com o Público e o Voluntariado e em 1960 o Manual do Professor Voluntário – Ilustrações para o Ensino de Leitura e Linguagem Escrita. Em 1952, foi criada a Campanha Nacional de Educação Rural (CNER), para atender as populações que viviam no meio rural. E em 1958, com a realização do II Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro, começou-se a dar passos

em direção da discussão de um novo método pedagógico utilizado na educação de adultos. Os educadores sentiram a necessidade de romper com os preconceitos que envolviam as pessoas analfabetas.

O fim da década de 1950 e início da década de 1960 foram marcados por uma grande mobilização social em torno da educação de adultos. Podemos citar vários movimentos sociais criados nesse período, tais como: “Movimento de Educação de Base” (1961- CNBB), Movimento de Cultura Popular do Recife (1961), Centros Populares de Cultura (UNE), Campanha de Pé no chão Também se Aprende (Prefeitura de Natal). Esses programas eram realizados através da influência da pedagogia freireana. No entanto, com o Golpe Militar de 1964, esses movimentos foram interrompidos. Desta forma Andrade (2008) relata:

O golpe militar de 1964 interrompeu os preparativos para o início das ações do Plano Nacional de Alfabetização que o educador pernambucano coordenava a convite do governo, e a repressão que se abateu sobre os movimentos de educação popular acabou levando Paulo Freire ao exílio, onde escreveu as primeiras obras que o tornariam conhecido em todo o mundo. (ANDRADE, 2008, pag.26).

#### **1.4. Período: Ditadura Militar**

Com o Militarismo, os programas que visavam à constituição de uma transformação social foram interrompidos. Retoma-se, nessa época, a educação como modo de homogeneização e controle das pessoas. O governo militar, então, criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), em 1967, com o objetivo de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação continuada. Com esse programa a alfabetização ficou restrita à leitura e escrita, sem haver a compreensão contextualizada dos signos. Segundo Andrade (2008):

Durante a ditadura militar, a educação de jovens e adultos, promovida pelo governo, colaborou na manutenção da coesão social e na legitimação do regime autoritário, nutrindo o mito de uma sociedade democrática em um regime de exceção. A escolarização de jovens e adultos ganhou a feição de ensino

supletivo, instituído pela reforma do ensino de 1971, mesmo ano em que teve início a campanha denominada Movimento Brasileiro de Alfabetização, que ficou conhecida pela sigla Mobral. (ANDRADE, 2008, pag.28).

Porém, poderemos ver que com a República Nova há a primeira explicitação legal dos direitos dos cidadãos que não foram escolarizados na idade ideal. Assim, com a nova constituição de 1988, prevê-se que todas as pessoas tenham acesso à educação, sendo reforçada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. De acordo com a LDB, é determinado que o Plano Nacional de Educação fosse elaborado em concordância com a Declaração Mundial de Educação para Todos, e com base na LDB, foi constituída a Educação de Jovens e Adultos como modalidade de ensino através da resolução CNB/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

Com o fim do Mobral em 1985, surgiram outros programas de alfabetização em seu lugar como a Fundação Educar, que estava vinculada especificamente ao Ministério da Educação. No entanto, em 1990, com o Governo Collor, a Fundação Educar foi extinta sem ser criado nenhum outro projeto em seu lugar. A partir daí então, começou a ausência do governo federal nos projetos de alfabetização. Os municípios passam a assumir a função da educação de jovens e adultos. Andrade (2008) contextualiza o tema em:

... por intermédio da Fundação Educar (1985-1990), do Programa Alfabetização Solidária (1998-2002) ou do Brasil Alfabetizado (2003-2007). Nesses contextos, as organizações da sociedade civil continuaram ocupando um lugar importante na promoção da alfabetização de jovens e adultos, mas foram os municípios que assumiram responsabilidades crescentes na oferta de oportunidades de escolarização para os jovens e adultos, superando os estados que, até a década de 1990, eram os principais mantenedores do ensino supletivo, conforme a denominação utilizada na época. (ANDRADE, 2008, pag.42)

Paralelamente a esses acontecimentos políticos educacionais, foram feitas muitas experiências de universidades, movimentos sociais e

organizações não-governamentais em relação à educação. Entre os movimentos podemos destacar o Movimento de Alfabetização (Mova), que procurava trabalhar a alfabetização a partir do contexto sócio-econômico das pessoas alfabetizadas, tornando-as co-participantes de seu processo de aprendizagem. Somente em 1996, surge novamente um programa nacional de alfabetização promovido pelo governo federal com o Programa Alfabetização Solidária (PAS). Em 1998, surge o Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), com o objetivo de atender às populações situadas nas áreas de assentamento. Em 2003, o governo federal lançou o Programa Brasil Alfabetizado, que no início tinha característica de mais uma campanha, com ênfase no trabalho voluntário, prevendo erradicar o analfabetismo em quatro anos. Assim, chegamos ao século XXI com uma alta taxa de pessoas que não têm o domínio sobre a leitura, a escrita e as operações matemáticas básicas.

Este referencial histórico nos dá embasamento para uma análise da situação atual da educação brasileira. Podemos dizer que essa é uma herança de todo o tratamento que a educação brasileira sofreu ao decorrer de sua história. É lamentável que reduzissem a alfabetização à apreensão dos signos sem a apreensão dos significados. Pensamos que, como agente capaz de colaborar na mudança situacional das pessoas não alfabetizadas e somar na mudança de um sistema de pensamento oligárquico. Podemos transformar toda uma realidade educacional tradicional e reforçando a responsabilidade que temos na promoção da educação libertária que reflete na construção de sujeitos históricos.

## CAPÍTULO 2

### **Pensando as bases conceituais do projeto recomeço a partir das ideias de Paulo Freire: autonomia e cidadania como focos centrais**

Este capítulo apresenta um pouco sobre os conceitos trabalhados no projeto pelo viés da pedagogia Freireana, em geral trata-se de uma contextualização necessária para a continuidade do exercício e estudo em EJA. A presença da sociedade como um todo e a educação como ato de cidadania são fundamentais para construção de um cidadão livre. Partindo de uma visão crítica e reflexiva das potencialidades que as obras de Freire orientam, realizam-se as atividades do projeto.

#### **2.1. Praticando Leitura e Escrita no Cotidiano**

O tripé do projeto é leitura, escrita e oralidade. Desta forma, buscamos beber em algumas obras de Freire para nos auxiliar na condução das aulas. A primeira obra é “A importância do ato de ler”, onde Freire comenta em sua obra, que o ato de ler teve diferentes momentos na sua vida. Na “leitura do mundo” e depois a “leitura da palavra” não significa a leitura da ‘palavramundo’”, ou seja, interpretar o real significado das palavras, e não apenas, a decodificação de símbolos. Esse jogo de palavras fez Freire ressignificar a leitura. No entanto, “leitura da palavra, da frase, da sentença”, jamais significou uma quebra com a leitura do mundo. Por isso o ato de ler “implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘re-escrita’ do lido”. Pois, ler não se esgota na decodificação somente da palavra ou da linguagem escrita, “mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1985, pág. 11).

Freire aponta que a construção do conhecimento se dar pela apreensão da leitura crítica. Ele também nos leva a uma linha de pensamento político; afirmando que é “impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter negativo do ato político”. Ou seja, assim como existe problemas no contexto político propriamente dito na construção de uma sociedade melhor, da mesma forma é a educação, pois é leitura crítica que

conduzirá o indivíduo a novas decisões políticas. Para o autor “a alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando” (FREIRE, 1985, pág.19). Assim os educadores têm a missão de conscientizar os alunos de que não basta entender as letras, mas ler o texto, interpretar o contexto para não fazer pretextos com as palavras.

A “palavramundo” que tanto Freire enfatizada no livro foi representado pelo apoderamento das histórias, onde a interpretação e dramatização das histórias foram formidáveis. Então podemos dizer que o exercício de articular a teoria de Freire e a prática do projeto é constante em nosso trabalho. Entendemos que desenvolver a leitura crítica dos estudantes em relação ao mundo é o nosso desejo/prática. Freire enfatizando que estudar “exige disciplina; que não é fácil porque estudar é criar e re-criar é não repetir o que os outros dizem”. É essencial que saibamos valorizar a cultura popular em que nosso aluno está inserido, partindo desta cultura, e procurando aprofundar seus conhecimentos, para que participe do processo permanente da sua libertação. A leitura vai além da simples decodificação de letras justapostas, é sim entender o mundo de significados, os bastidores dos textos, a “palavramundo”. Entender o mundo e as decisões da vida cotidiana de cada indivíduo nos faz refletir as diferenças e contextos que vivemos. Essa interpretação só conseguimos através de uma educação que estimule a colaboração mútua e desenvolva o espírito crítico/criatividade. Todo esse contexto nos remete uma educação que incentive o educando unir a prática e a teoria, com uma política educacional condizente com os interesses do nosso povo. É essencial que saibamos valorizar a cultura em que nosso estudante está inserido.

## **2.2. Praticar cidadania é um exercício**

Procuramos aprofundar conhecimentos significativos do meio que estão inseridos para a participação integral de um cidadão liberto, buscamos em Moacir Gadotti na obra intitulada, “Escola cidadã: primeiras ideias”, onde trata basicamente da autonomia da educação, natureza da educação, a autogestão,

a educação brasileira, a participação e a escola cidadã, entre outros. Como declara Gadotti:

O ensino centrado no aluno deveria basear-se na empatia, na autenticidade, confiança nas potencialidades do ser humano, na pertinência do assunto a ser aprendido, na aprendizagem participativa, na totalidade da pessoa, na auto avaliação e na autocrítica. (GADOTTI, 1999, pág.13)

A escola cidadã trabalha por um cidadão esclarecido, consciente, ativo e solidário. A escola cidadã tem um projeto que combate às desigualdades escolares e sociais e promove a participação da comunidade na construção do bem comum no interior da escola e na reconstrução do seu conhecimento. A escola que não possui autonomia não possui capacidade de educar para a real liberdade, afinal educar significa capacitar o educando para que ele seja capaz de buscar respostas e ler o mundo que o cerca. Moacyr relata que “educar significa, então, capacitar, potencializar, para que o educando seja capaz de buscar a resposta do que pergunta, significa formar para a autonomia”. (GADOTTI, 1999, pág.10)

Vale lembrar que na construção de um cidadão livre, a autogestão é possuir uma escola com uma ação pedagógica ativa, que vise de fato transformar seu aluno num cidadão autônomo e assim contribuindo para que todos os membros envolvidos se sintam parte ativa e integrante do processo. Gadotti ainda cita o Conselho de Escola, que para ele é parte do processo, afinal a participação e a democratização num sistema público de ensino é a forma mais prática de formação para a cidadania. O conselho deve possuir autonomia de movimentos sociais e deve possuir em seu corpo pessoas da comunidade, pais, alunos e membros oficiais da escola. Ele nos mostra que:

A participação e a democratização num sistema público de ensino é a forma mais prática de formação para a cidadania. A educação para cidadania dá-se na participação no processo de tomada de decisão. (GADOTTI, 1999, pág.49)

Moacir descreve resumidamente o que seria uma escola cidadã; escola esta que seria pública autônoma e popular integrante de um sistema único e descentralizado; pública, democrática e universal, igual para todos, mas que

respeite as diferenças locais, regionais, etc. O que podemos concluir é que para os educadores que buscam uma autonomia a participação da comunidade para a tomada de decisão, além do interesse participativo de pais, filhos, funcionários e professores, formando seres pensantes e criativos, que exerçam a verdadeira cidadania para servirem a vida, será possível através de uma escola cidadã, autônoma, participativa, democrática e comprometida com a sociedade. Essa autonomia Gadotti relata:

Discutir o tema da autonomia é discutir a própria história da educação, na medida em que podemos ver a história da luta pela autonomia intelectual e institucional da escola, associada à liberdade de expressão e de ensino. (GADOTTI, 1999, pág.9)

Porém para atingir seu objetivo teríamos que ter uma reforma política, capaz de associar o custo benefício da descentralização do poder para as unidades regionais, ao fortalecimento da sociedade democrática, exercendo seus direitos, promovendo a qualidade educacional e a autonomia dos cidadãos.

### **2.3. Autonomia e cidadania como focos centrais**

O projeto trabalha sempre visando a autonomia do estudante. Negamos o exercício de copista como prática em sala de aula. Envolvermos o estudante no conceito de Freire (2011), onde defende uma pedagogia fundada na ética, no respeito, na dignidade e na autonomia do educando. Questionando a função de educador autoritário e conservador, que não permite a participação dos educandos, suas curiosidades e as suas vivências adquiridas no decorrer da vida e do seu meio social. Sua obra relata que todo indivíduo seja ele educador ou educando deve estar aberto à curiosidade, ao aprendizado durante sua vida. Como diz Paulo Freire (2011):

Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas

dos alunos, a suas inibições, um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a ele ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2011, pág. 27)

Paulo Freire ressalta que o educador deve estar aberto a aprender e trocar experiências com os educandos, pois sua vivência de sala de aula merece ser respeitada. Em sua obra a ética, o bom senso, a responsabilidade, a coerência, a humildade, a tolerância são qualidades de um bom educador. Aponta que o professor exerce uma grande importância para que haja um movimento de mudança social. Relata algumas atitudes de atuação do professor em sala de aula que podem fazer florescer uma nova consciência aos futuros educandos. Mostra que há necessidade de decisão, ruptura e escolhas para alcançar os objetivos. Como professor crítico impõem a decência e a ética como fatores qualitativos para obter o respeito dos alunos. Indica que há uma necessidade de mudanças na postura dos profissionais para enfim colaborar com a melhoria de condições e qualidade de vida, e assim desarticular qualquer forma de discriminação e injustiça, pois a educação é uma especificidade humana que intervém no mundo. Como indica Freire (2011):

O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma "cantiga de ninar". (FREIRE, 2011, pág.52)

Com os ensinamentos de Paulo Freire praticamos a interação e a proximidade dos alunos/professores favorecendo assim as chances de desenvolverem seus conhecimentos. Outra grande lição apreendida foi à importância do ouvir, pois este ato permite que o professor aprenda com seus alunos e assumo um papel de conselheiro, possibilitando aos mesmos um espaço para que eles falem suas opiniões, construindo para seu próprio aprendizado.

## 2.4. Ações Libertadoras na Leitura e Escrita

O projeto valoriza a escrita como ferramenta fundamental em nossa sociedade. Ela traz dignidade, respeito, inclusão e liberdade para o cidadão. Nesses três anos de projeto almejamos exercer que Freire nos orienta em seu livro, "A educação com práticas de liberdade", ele expõe ações que o educador deve percorrer para uma real liberdade do sujeito. A liberdade só pode se concretizar numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de descobrir-se e conquistar-se como sujeito histórico. Paulo Freire dedicou-se a questão do educar para a vida, através de uma educação preocupada com a formação do indivíduo crítico, criativo e participante na sociedade. É relevante observar que o ser humano nesta educação, é um sujeito que não deve somente "estar no mundo, mas com o mundo" (FREIRE, 2014), ou seja, fazer parte dessa imensa esfera, não apenas vivendo, mas construindo sua própria identidade e intervindo no melhoramento de suas condições. O aprendizado deve conscientizar a situação real do educando. A educação proposta por Freire é para homens livres onde a educação deve ir contra a opressão e a imposição.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, nas práxis, com a transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 2014, pág. 57)

A ideia de liberdade só se torna completa quando se une as lutas reais a favor da liberdade. Freire enfatiza o estado de consciência no âmbito pedagógico e não político, mas ele admite que a conscientização possa levar ao interesse político. "Os homens se educam juntos, na transformação do mundo" (FREIRE, 2014). Nesse processo valoriza o saber de todos. Todavia, o educador também não fica limitado ao saber do aluno. O professor tem o dever de ultrapassá-lo. É por isso que ele é professor e sua função não se confunde com a do aluno. Paulo Freire faz uma crítica à educação tradicional no Brasil e defende que seria necessária uma educação para decisão, para uma

responsabilidade social e política. Uma educação que o colocasse em diálogo sempre com o outro, através de uma visão crítica e não apenas passiva. Freire concebia um processo pedagógico de educar o sujeito histórico e politizado dentro de uma análise crítica da sociedade. A escola é um processo político, não apenas porque contém uma mensagem política ou trata de tópicos políticos, mas também porque é produzida e situada em um complexo de relações políticas e sociais das quais não pode ser abstraída. Ao contrário da concepção tradicional de escola, que se apoia em métodos centrados na autoridade do professor. Paulo Freire comprovou que os métodos em que os alunos e professores aprendem juntos, são mais eficientes.

Uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe proporcionasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. (FREIRE, 2014, pág. 80)

Freire coloca a questão da prática educativa; não como algo a ser "dado" por quem sabe a quem não sabe; mas, sim, como uma forma de os seres humanos se apropriarem, conscientemente, de sua realidade para, assim, terem condições de transformá-la. A pedagogia de Paulo Freire propõe um ensino na base do diálogo, a liberdade e ao exercício de busca do conhecimento participativo e transformador. Uma educação que esteja disposta a considerar o ser humano como sujeito de sua própria aprendizagem e não como mero objeto sem respostas e saberes. Sua vivência, sua realidade e essencialmente sua forma de enxergar e ler o mundo precisam ser considerados para que esta aprendizagem se realize. Segundo Freire (2014):

Ao ouvir pela primeira vez a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação, como prática da liberdade, é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade. (FREIRE, 2014, pág. 29)

A educação é o meio que conduz o homem na conquista de sua subjetividade para que possa comandar o destino de suas ações. Em termos educacionais, a proposta de Freire é antiautoritária, onde professores e alunos ensinam e aprendem juntos. Partindo-se do princípio que educação é um ato de saber, professor-aluno e aluno-professor devem engajar-se num diálogo permanente caracterizado por seu "relacionamento horizontal", que não exclui diferenças de experiências e conhecimentos. Esse é um processo que toma lugar não na sala de aula, mas num círculo cultural. Certamente esse conjunto de conceitos desfaz a moldura da pedagogia autoritária e aparece como uma prática e ideologia de "contra hegemonia" dentro das instituições de ensino. Freire salienta, constantemente, que educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida, senão não terá eficácia.

Paulo Freire propõe uma nova concepção da relação pedagógica, trata-se de não apenas a transmissão de conteúdos por parte do educador. Pelo contrário, trata-se de estabelecer um diálogo, isso significa que aquele que se educa, isto é, está aprendendo também. Exemplo disso Freire (2014) relata:

Estas palavras, de uso comum na linguagem do povo e carregado de experiências vividas, são decisivas, pois a partir delas o alfabetizando irá descobrir as sílabas, as letras e as dificuldades silábicas específicas e seu idioma, além de que servirão de material inicial para descoberta de novas palavras. (FREIRE, 2014, pag. 13)

A liberdade é o ponto central da concepção educativa de Freire e sua base é libertar-se da realidade opressiva e da injustiça. Nossa tarefa como educador é permanente e infundável, pois a educação visa à libertação completa do ser e a transformação radical da realidade. Para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e não como objetos. A educação deve ser humanista e acolhedora. Então podemos concluir que a educação deve permitir uma leitura crítica do mundo. Esse mundo que nos rodeia é um mundo inacabado e isso implica a denúncia da realidade opressiva e da realidade injusta.

Percebemos que uma educação, produz homens livres que colaboram para a formação educacional de outros homens livres. Estamos exercitando a teoria “Práticas de Liberdade” de Freire, em nosso dia-a-dia no projeto. A relação de uma aprendizagem mutua entre educador/educando está sendo construída a cada dia. Acreditamos que a educação crítica e participativa fará estudantes/cidadãos livres.

## CAPÍTULO 3

### Apresentando o Projeto

Esse capítulo trata da apresentação do projeto e atividades realizadas pelos participantes. Assumir-se como educador libertador na formação dos sujeitos da EJA é valorizar o povo Brasileiro. Isso será possível por meio da postura crítica sob a realidade vivida, atentando o futuro dos nossos pares. As ações realizadas pelo projeto se estruturam tendo como base o estão respeito, inclusão, valorização e criatividade.

#### 3.1: Semeando Sonhos

O Projeto de extensão é cadastrado no Departamento de Extensão da Unirio sob o título “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos”, conferido pela coordenação no início de sua proposição. No entanto, após seu início, teve seu título modificado pelos próprios participantes passando a ser conhecido como “Recomeço”. Seu início se deu no primeiro semestre do ano 2015 e seu propósito à época era o de alfabetizar a comunidade trabalhadora da UNIRIO e a comunidade adjacente. O relato de uma das coordenadoras, a professora do curso de enfermagem Eva Maria, em entrevista concedida a Lima para sua monografia em 2015 (bolsista do projeto em 2015 e 2016), expressa questões que vão ao encontro de nossas inquietações como estudantes:

A maioria das pessoas que procura atendimento na enfermagem são trabalhadores da Unirio, principalmente prestadores de serviço terceirizados que não possuem planos de saúde. Por isso, estas pessoas recorrem frequentemente à Fábrica de Cuidados para verificar pressão, glicose. Por não saberem ler o que está escrito na receita, solicitam aos atendentes explicações sobre a posologia dos medicamentos (dosagem e horários). Foi assim que a professora Eva identificou a existência, dentro da Universidade, de um grande contingente de pessoas que liam pouco ou não liam nada, ou seja, que eram totalmente analfabetas. Segundo a professora Eva, esta situação é muito preocupante para o curso de

Enfermagem, pois se faz necessário que as pessoas entendam qual medicamento devem tomar e entendam os efeitos diversos que podem aparecer. Para isto, é preciso que eles saibam ler a bula de forma a não haver nenhuma intercorrência. Diante desta constatação, nasceu o desejo de criar um projeto para alfabetizar essas pessoas, até porque um dos objetivos da Fábrica de Cuidados é formar cidadãos. (LIMA, 2015, pág. 24)

O projeto tem como objetivo geral incrementar a apropriação da leitura e da escrita dos participantes por meio do debate e da reflexão de temas atuais e circulação da “palavra” entre os sujeitos. A coordenadora pedagógica, professora da Escola de Educação da Unirio, Adrienne Ogêda relata como surgiu o projeto:

O projeto nasceu a partir de uma demanda do Programa Fábrica de Cuidados da enfermagem da UNIRIO. O que eles nos pediam é que pensássemos um projeto de alfabetização para adultos da comunidade da própria UNIRIO e do entorno. Essa demanda ia ao encontro de uma questão que sempre me afetou: a formação do leitor e do escritor para o pleno exercício da cidadania. Mais do que uma habilidade técnica, bem mais, compreendo a leitura e a escrita como instrumentos que nos permitem ter acesso ao patrimônio cultural da humanidade, bem como nos dão chaves de acesso às diferentes formas de organização e comunicação que circulam socialmente. Estar fora dessa rede é, de certo modo, estar ausente dos processos que pautam nossa sociedade. Para mim é também fundamental que o analfabetismo, ou mesmo a condição de alfabetização precária, em que o sujeito escreve e lê sem proficiência e pouco faz uso em sua vida dessas práticas culturais, não sejam vistos como sinônimos de ignorância, como muitas vezes o senso comum indica. Todos possuímos culturas e saberes e para mim, qualquer prática que se pretenda justa, respeitosa e potente precisa valorizar o que sabem os sujeitos que não sabem ler e escrever. (Adrienne Ogêda em entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017).

Nesse ano de 2017 os encontros acontecem na Unirio, todas as quintas-feiras, no horário da tarde, tendo duração de 4 (quatro) horas. Os planejamentos para a proposta de trabalho surgem a partir das experiências vividas com o grupo a cada encontro. Sempre é apresentado um texto base para discussão e uma proposta de produção textual. Os participantes

constituem um grupo bem heterogêneo com diferentes idades, costumes, cultura e também com diferentes níveis de apropriação da leitura e escrita.



Figura 1 – Participantes em 2016 (foto do acervo do grupo)

Temos como objetivo organizar um grupo coeso e contribuir na apropriação de uma leitura e escrita mais fluentes. Para isso lançamos mão de debates, reflexão de temas atuais e circulação da palavra entre os participantes, busca-se desenvolver circulação dos participantes em práticas de leitura e escrita. Como descreve em seu depoimento a coordenadora Adrienne Ogêda:

Nossa metodologia partia desse tripé e os encontros/aulas se desenrolavam e se desenrolam em torno de temas de interesse do grupo, sejam selecionados a partir de nossa observação do que está mobilizando, seja em razão de assuntos muito presentes na atualidade de todos nós, seja por demandas expressas dos participantes. Eles pedem mais! Houve um estranhamento com relação ao caráter muito participativo e aberto das aulas. Acostumados com um modelo de escola em que o foco eram os deveres e tarefas seguidos, o fato de provocarmos a participação de todos, produzimos sempre a partir do reconhecimento dos saberes do grupo e estimularmos uma escrita e leitura significativos foi aos poucos sendo compreendido, e o modelo tradicional foi sendo relativizado. O que faz o grupo caminhar e se aperfeiçoar é o envolvimento dos bolsistas e voluntários. O grupo sofre sempre alterações em seus componentes, dinâmica própria de um projeto universitário, que está sujeito a essas mudanças, mas alguns participantes se envolvem de forma tão comprometida e tomam para si o projeto, que fazem toda a diferença. (Adrienne Ogêda, entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017)

O Projeto de extensão é uma parceria entre as Escolas de Educação e de Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro na intenção de contribuir na construção de um cidadão participativo/crítico isso tem que ir lá para o início, quando apresenta o projeto. Pelo projeto têm passado diferentes professores, estudantes e participantes com o intuito de assistir à população esquecida do sistema educacional regular. Uma grande quantidade de práticas sociais envolve as ações de ler e escrever, como, por exemplo, a circulação de textos de variados tipos e funções, por meio dos quais, é possível o acesso a novos conhecimentos e informações. Adotamos a concepção de mobilização das histórias de vida e leitura de mundo, levando os participantes do grupo a um novo olhar, pois estão na sala de aula, não somente para aprender a ler e escrever, mas também para pensar reflexivamente, para (re)construir a própria identidade e para reconhecer o seu papel na sociedade. Como afirma Freire:

Como marginalizados, “seres fora de” ou “à margem de”, a solução estaria em que fossem “integrados”, “incorporados” à sociedade sadia de onde um dia “partiram”, renunciando, como trãnsfugas, a uma vida feliz... Sua solução estaria em deixarem de ser “seres fora de” e assumirem a de seres dentro de. Na verdade, porém, os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram fora de. Sempre estiveram dentro de. Dentro da estrutura que os transforma em “seres para outro”. Sua solução, pois, não está em “integrar-se”, em incorporar-se a essa estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “seres para si”. (FREIRE, 1987, pág. 35)

Para compor os planejamentos o projeto fundamenta-se na concepção Freireana de alfabetização que valoriza os saberes dos estudantes e compreende a leitura como uma prática de cidadania. Desta forma, houve empenho em propor e oferecer um espaço de encontro e troca entre os participantes do projeto. Com o objetivo de compreender e refletir sobre nossa prática pedagógica, mantém-se registros escritos e fotográficos diários, oportunizando a percepção do olhar diferenciado de cada integrante durante os encontros. O resultado disso é a produção conjunta, entre bolsistas e participantes, de uma aula que possibilita a apropriação e uso do conhecimento.

### **3.2: Atividades Realizadas no Projeto Recomeço**

No início das atividades do Projeto Recomeço (2015) era notória a exclusão dos participantes da sociedade letrada. Constatou-se que seus estudos ficaram em segundo plano por pertencerem a famílias de pouco poder financeiro, e com isso, foram trabalhar bem cedo para complementar à renda do sustento familiar. No decorrer do projeto as bolsistas responsáveis pelas atividades a coordenadora programaram seus planos de aula para atender às necessidades reais do grupo. No presente trabalho, constam breves relatórios de algumas experiências e vivências obtidas durante os três anos de projeto que participei, como também as falas dos bolsistas, voluntários, estagiários e coordenadores que viveram nesse ambiente de criação.

#### **3.2.1: Ano 2015: O primeiro ano do projeto, algumas ações**

No primeiro semestre de 2015 tivemos uma grande aceitação de candidatos para participar do projeto. O objetivo inicial do projeto era alfabetização de pessoas que estavam fora da escola e tinham dificuldades na leitura e escrita. Aproximadamente 15 pessoas se inscreveram com o desejo de participar. Foram feitas entrevistas particulares com cada participante e realizados questionários sobre suas trajetórias escolares para mapear os candidatos e perceber o perfil dos futuros participantes. A partir disto, constatou-se a necessidade de divisão dos participantes em dois grupos distintos. O primeiro era composto por pessoas que tinham dificuldade na leitura e escrita, pois não eram alfabetizados. Já no segundo grupo, os alunos possuíam proficiência de leitura e escrita minimamente aceitável para começar um trabalho de interpretação de textos e exercícios de matemática. O projeto iniciou com as seguintes bolsistas: Christiane Angélica Louvero, Maria Lúcia Lima, Ana Lygia Sousa e Juliane Faria e os voluntários Luiza Vilas Boas e Rafael Anacleto Rosa.

### 3.2.2: Autonomia: Nomeação / Biografia

Trabalhando na apropriação do mundo letrado quais os participantes se sentiam distanciados/segregados, o grupo de bolsistas e voluntários do projeto buscou envolver os participantes na construção de atividades que levassem a valorização do “seu eu”. Após investigações, reuniões periódicas de estudo e planejamento de aulas, propusemos ao grupo realizar a composição de um espaço nosso, um espaço para compartilhar experiências e aprendizados. Essa proposta foi abraçada por todos. Freire relata que:

(...) a prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica (...) (FREIRE, 1987, pág. 09).

A primeira ação em conjunto foi o batismo/votação para o nome do Projeto, pois, como já mencionamos o projeto oficialmente foi registrado com outro título diferente de como hoje é nomeado. Então foi colocada em debate a realização da votação com propostas de nomes para o Projeto. Realizou-se um momento de escrita das sugestões e em outro dia, foi feita a escolha dos três nomes mais votados. Por fim, o processo de escolha do nome foi realizado pela leitura dos votos depositados na urna de votação. O resultado foi emocionante e contagiante e o nome escolhido foi “Recomeço”, nome que retrata o retorno aos estudos e evidencia o início de uma nova história. A bolsista Maria Lúcia Lima aponta em seu relato de experiência:

Na aula "A importância de se nomear", simulamos uma eleição. A finalidade dessa aula era que o grupo escolhesse um nome que fosse significativo para nos representar como grupo. Assim, dividimos a turma em dois grupos. Cada um deles deveria escolher um nome. Um aluno de cada grupo deveria defender a escolha do nome esclarecendo o porquê esse nome merecia vencer. Surgiram dois nomes: Projeto Estudantil (PE) e Recomeço. O aluno que defendeu o nome Projeto Estudantil, não foi muito convincente e o nome Recomeço saiu vencedor. Talvez porque Recomeço naquele momento, fosse o nome que tinha mais a ver com a nossa identidade enquanto grupo. Os alunos estavam muito gratos pela oportunidade proporcionada pelo projeto para eles recomeçar ou menos começar, (como era o caso de sete alunos que nunca tinham sido

(alfabetizados) seus estudos). Eu estava radiante em fazer parte do grupo como alfabetizadora. Como também só estudei depois de adulta, sabia bem como eles se sentiam. Sei bem das expectativas em relação aos conteúdos das aulas, do medo e da vergonha que sentiamos (como se fôssemos culpados por não sermos escolarizados) diante daqueles que julgamos serem detentores do saber. Ver o grupo progredindo diariamente me proporcionava uma alegria quase que indizível. Cada vez que um deles se apropriava de um novo saber (mesmo que fosse apenas uma nova palavra), deixava-me com uma sensação de dever cumprido. Quando os percebi se assumindo em suas cidadanias, senti muito gratificada e agradecida por fazer parte do Projeto. (Maria Lúcia Lima, em entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017).



Figura 2 – Votação em 2015 (foto do acervo do grupo)

Uma nova história estava sendo escrita partir daquele momento, pois os participantes nunca mais seriam os mesmos, mergulhar no mundo letrado à sua volta passou a mudar tudo em suas vidas. Mudanças e descobertas passaram a transformar suas rotinas em diferentes ações de leitura como, por exemplo: ler letreiro de ônibus, ler encarte de supermercados, ler folhetos distribuídos na rua, ler placas de sinalização, ler avisos no trabalho, ler, ler, ler.... Todas essas experiências foram relatadas pelos participantes e compartilhadas.

O exercício de inclusão, valorização e autonomia, em consonância com os pensamentos de Freire foi realizado através da proposição de atividades que fizessem sentido e conduzissem os alunos a algo concreto, representativo e significativo para suas vidas. Como diz Freire:

(...) nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. (...). (FREIRE, 1996, pág. 26).

Deste modo, algo que agregasse valor à vida dos participantes se tornou essencial à concepção do trabalho. Todas as atividades englobaram os estudantes, bolsistas e voluntários do projeto conferindo caráter de unidade. Com esse propósito, foi realizada a construção de suas autobiografias. Nosso trabalho\colaboração foi à escritura, ajuda na parte da organização textual, cuidando de aspectos como a concordância, pontuação, coerência, ortografia e desenvolvimento do texto descritivo de suas vidas. A participação da bolsista Christiane Angélica Louvero, integrante da primeira equipe de bolsistas do projeto, foi intensa. Segundo ela:

É preciso relatar que aconteceram muitos embates entre os componentes do grupo, exatamente pela diversidade existente, mas que nos trouxe experiência e por isso foram válidos. A construção do livro foi um momento ímpar e de grande emoção, além de ser a comprovação da mudança vivenciada por cada um dos participantes. Naquele momento percebemos o orgulho com que eles relatavam suas vidas e seus sonhos. Estavam mais conscientes da sua importância perante a sociedade e dentro do grupo. Viam-se de uma forma mais generosa e amorosa. Esse foi o maior presente que pude receber por minha participação no projeto de extensão. (Christiane Louvero, bolsista do Projeto no ano de 2015, em entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017).



Figura 3 – Capa do livro (foto do acervo do grupo)

No final do semestre houve o lançamento do livreto autobiográfico e uma festa com a leitura dos textos e apresentação dos autores.

### 3.2.3: Saúde: Palestra de Enfermagem

No ano em que o projeto iniciou, 2015, tivemos a participação das bolsistas da coordenadora Eva Maria da Fábrica de cuidados da faculdade de enfermagem da UNIRIO. Três estudantes de enfermagem palestraram sobre os cuidados que se deve ter com o corpo. Os assuntos abordados foram: EPI (equipamento proteção individual), postura, periodicidade dos medicamentos, validade dos medicamentos, rotina no trabalho, exercícios físicos, entre outros. Outra abordagem foi a verificação da validade dos medicamentos e sua administração correta, no que diz respeito a data e horário, pois devem ser respeitadas para sua eficácia. Alguns dos participantes confessaram que não olhavam a validade dos medicamentos e, a partir daquele dia, se comprometeram a verificar a data e horários dos medicamentos consumidos. A voluntária Luísa Vilas Boas Cardoso, aluna de nutrição da UNIRIO, expressa sua experiência:

Em relação a minha participação nas aulas, acredito que eu tenha certa dificuldade, pelo menos inicialmente, em expressar um saber em público, não pelo desconhecimento, mas pela clareza e entonação de uma fala mais segura e compreensiva que, talvez, os educadores, por estarem em contato com essa realidade em outros momentos, desenvolvam com mais facilidade. No geral, na minha concepção, vejo o grupo 2 como bem participativo. Os alunos gostam de escrever sua opinião e debatem sobre o tema. Na parte da leitura intercalada, não houve a necessidade de pedir para que alguém lesse, eles mesmos se voluntariavam. Praticamente todos leram as suas respostas escritas. Gostei da forma multidisciplinar que o conteúdo é abordado, uma vez que não é algo dividido em blocos ou disciplinas, como é feito tradicionalmente nas escolas, ou seja, a partir de um determinado material, podemos abordar assuntos diferentes que contemplem diversas áreas. No caso do conteúdo utilizado pela equipe (músicas, narrativas, poesias e afins) o que mais me chamou a atenção foi a aproximação deste com a realidade dos alunos, o que torna o ambiente mais acolhedor, além de ajudar na compreensão. (Luísa Vilas Boas Cardoso, voluntária do Projeto no ano de 2015, em entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017).

E, por fim, foi abordada a necessidade de realização de exercícios físicos para a manutenção e fortalecimento dos músculos. Esse ponto foi bem discutido e a falta de tempo foi ressaltada como empecilho à realização dos exercícios físicos. Uma simples caminhada foi colocada como uma atividade possível de exercício, mas, segundo os participantes, as limitações da rotina diária não lhes permitem fazê-la. Segundo eles, sair de casa às 5h da manhã e chegar às 18h da noite, impossibilita qualquer atividade. Foi possível observar que os assuntos abordados foram de grande aceitação e ajuda para todos.

#### **3.2.4: Valorização/Cuidar: Palestra oftalmológica / Óculos**

Com a realização dos trabalhos de leitura, percebeu-se a grande dificuldade dos participantes para ler os textos. Porém a dificuldade não estava somente na deficiência técnica, mas sim na deficiência orgânica. O problema de 50% da turma era “vista” cansada. Isso foi constatado pelo médico oftalmologista do HUGG. Então houve uma mobilização e conseguiu-se, por intermédio do professor Marcio Berbat, da Escola de Educação, as consultas oftalmológicas no Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, da Unirio, para todos os componentes do grupo que estavam com problemas de visão. Após realizar os exames, a bolsista Ana Lygia Motta Pereira de Sousa conseguiu a visita de um vendedor de uma ótica com desconto nos serviços solicitados. Segue relato de sua mobilização para tal necessidade do grupo:

Com o decorrer da minha participação, eu e minhas colegas que estavam à frente do projeto, fomos percebendo que existem muitos alunos com sérios problemas oftalmológicos, com óculos insuficientes, com lentes compradas em farmácias, que não eram ideais para eles, e até mesmo alunos sem nenhum tipo de óculos por falta de possibilidades financeiras. Partindo desse problema, nós fomos atrás de duas soluções: A Cristina e a Vera foram atrás de conseguir consultas gratuitas com uma clínica especializada, se não me engano, no hospital da UNIRIO. E eu fui atrás de óticas que pudessem oferecer óculos com preços acessíveis para nossos alunos e com condições de pagamento viáveis para eles. Consegui então que um dono de uma ótica na Ilha do Governador fosse até a sala de aula para mostrar os modelos de óculos, lentes e fazer assim um pedido único com vários óculos. Dessa forma, vários alunos conseguiram comprar seus óculos com excelentes preços e condições de pagamento, facilitando o ensino

aprendizagem desses alunos. (Ana Lygia Motta Pereira de Sousa, bolsista do Projeto no ano de 2015, em entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017).

Todos tiveram a oportunidade de comprar seus óculos com baixo custo e, conseqüentemente, houve melhora na participação das atividades propostas e crescente envolvimento no processo de ensino aprendizagem dos participantes.

### **3.2.5: História: História do Brasil**

Com objetivo de integrar ações pedagógicas universitárias, convidamos, para contribuir na formação bolsistas da área de história da educação, coordenada pela professora Jane Santos, que realiza pesquisa sobre o assunto. Foi trabalhada a história do Brasil com os estudantes, no período de 2015/2, com o foco na leitura/escrita/oralidade e visando a interdisciplinaridade, foi pedido aos bolsistas de história, uma visão educacional do sistema escolar brasileiro. As pesquisadoras trouxeram pontos positivos e negativos na história brasileira educacional. Houve bastante interesse e descobertas sobre o assunto. Um ponto que ficou marcado foi o questionamento dos estudantes sobre a falta de oportunidade/condição que eles sofreram quando eram mais novos. Esse questionamento gerou uma produção escrita em nossa atividade.



Figura 4 – Atividade de História (foto do acervo do grupo)

Outra atividade relacionada à história do Brasil foi o texto descritivo na carta de Pero Vaz de Caminha quando do descobrimento do Brasil. Depois da leitura e familiarização com o texto, instruímos oralmente os estudantes sobre o conteúdo da carta. Trabalhamos a pontuação, vocabulário e a diferença de linguagem do Português de Portugal e o do Brasil, que trouxe admiração a todos pelas diferenças apresentadas. Logo após esclarecidas as dúvidas, os alunos foram questionados se gostariam de explicar o descobrimento do Brasil para outra pessoa com base no que foi lido na carta. A resposta foi positiva. Então, em outro dia, foi pedido para que os estudantes explicassem oralmente a descrição da carta. A partir destes relatos, foi feita uma atividade de memória e elaboração de texto em conjunto. No dia seguinte, retomando o assunto do descobrimento do Brasil, foi apresentada uma foto do descobrimento. A proposta era escrever tudo o que eles aprenderam sobre o assunto, utilizando algumas fotos para auxiliar no exercício da memória. Assim eles escreveram no quadro tudo o que a foto demonstrava sobre o assunto e depois produziram um texto coletivo. Com o exercício da escrita utilizando os assuntos abordados em sala e o cotidiano dos participantes a estagiária Paola Gonçalves relata sua experiência no projeto:

Durante meu período de estágio pude entender um pouco mais sobre a EJA, que na minha cabeça era uma coisa muito complicada. As práticas sempre muito dialógicas, com propostas sempre pensadas no cotidiano dos estudantes fazia com que a aprendizagem fosse mais fácil, deixando a autoestima dos estudantes bem alta. Eram perceptíveis a vontade e o interesse de todos que estavam lá (tanto professores quanto os alunos). (Paola Gonçalves, estagiária do Projeto no ano de 2016, em entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017).

Logo após, foi iniciada a correção da redação, fazendo revisão e adequação do vocabulário, para que o texto ficasse claro, bem escrito, evitando repetições de palavras. Depois de várias leituras, fez-se uma escrita no quadro negro utilizando a própria fala dos estudantes. A dinâmica foi bem aceita, pois levou os estudantes a repensarem sua escrita.

### **3.2.6: Ano 2016: Aprofundando as bases do projeto**

Trabalhar uma concepção educativa, que tem como geradores do processo de aprendizagem a história de vida, os interesses e a leitura de mundo das pessoas, movimenta a imaginação e integração dos participantes, pois depreendem que estão na sala de aula, não somente para aprender a ler e escrever, mas também para pensar, para assumir a sua própria identidade e para reconhecer o seu papel na sociedade como co-autores da mesma. A maior característica do projeto é o acolhimento a esses cidadãos, como declara (LUCKESI, 2000, P. 171) [...] “O ato amoroso é um ato que acolhe atos, ações, alegrias e dores como eles são; acolhe para permitir que cada coisa seja o que é neste momento...”.

A preocupação do projeto é compreender mais amplamente o contexto em que os participantes estão inseridos, suas relações com a escolarização e o aprendizado da leitura e da escrita. Estamos focados principalmente na apropriação da leitura e da escrita, por meio do debate e da convivência entre os sujeitos. O projeto nesse período teve a participação das seguintes bolsistas: Jocelma Komarov, Juliane Faria e Fabíola Fortes; os voluntários Maria Lúcia Lima e Rafael Anacleto Rosa e a estagiária Paola Gonçalves.

### **3.2.7: Língua portuguesa: Construção de texto**

No decorrer do processo de alfabetização, foram convidados alguns professores para ministrar aulas para os estudantes. No primeiro semestre de 2016, o professor Diego Vargas da Escola de Educação da UNIRIO, que ministra aulas de Língua Portuguesa e Literatura na Educação, compartilhou dois momentos maravilhosos no projeto. Na construção dos textos a estagiária Paola Gonçalves relata sua experiência:

... outro ponto que me chamou atenção neste período de estágio foram as possibilidades de escrita. Percebi que na maioria das vezes as escritas das palavras são de acordo com a forma nas quais eles falam. As palavras que mais apareciam eram: “pobrema, rapas, alequia” – (Problema, rapaz, alegria). Em um momento de construção de uma história, surgiu

também a palavra – “metise” –(me disse). Pude observar que eles gostavam muito de construir histórias, montar textos. Na maioria deles, os personagens, as situações tinham relação com o cotidiano de cada um ... O afeto entre eles também é bem legal de se observar, eles se ajudam, se corrigem e se apoiam na medida em que um ou outro tenta desistir ou não fazer a proposta. Talvez por se conhecerem a bastante tempo, ou por terem um ideal em comum de aprender a ler e a escrever. Esse afeto reflete também para nós, percebe um carinho muito grande por quem está ali na frente junto com eles. (Paola Gonçalves, estagiária do Projeto no ano de 2016, em entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017).

Na primeira participação do professor com o grupo foi trabalhada leitura de poesias e rimas regionais. Os estudantes se envolveram na atividade e se perceberam valorizados pelo professor universitário. Em sua segunda participação, mais à vontade com o grupo, o professor trabalhou gêneros textuais.

### **3.2.8: Matemática: Escambo / Material Dourado**

As aulas de história do Brasil, como pano de fundo para nossas atividades, foram realizadas no segundo semestre de 2016, e abriram caminho para o trabalho interdisciplinar de matemática. O momento em que falamos sobre o comércio, foi a porta que encontramos para discutir sobre escambo/matemática. Trabalhamos a perspectiva do cálculo e numeração no contexto do comércio da época. O escambo, como moeda comercial do início da colonização brasileira, trouxe condições para realizarmos várias atividades. Um exemplo a citar foram os exercícios de matemática envolvendo operações de adição e subtração. Foi trabalhoso registrar as contas matemáticas, porque muitos deles faziam o cálculo de cabeça e não conseguiam escrever a conta no papel, mas, com muito esforço, foi possível administrar essa necessidade/carência. Por fim, realizou-se um momento de confraternização e prática do que foi estudado. Marcamos um dia de troca de presentes e todos levaram objetos pessoais com os quais gostariam de presentear um amigo. Realizou-se a atividade de troca/escambo com uma confraternização de

“comes e bebes”. Todos saíram do encontro com um objeto de troca, mostrando, deste modo, o resultado concreto da teoria ministrada em aula. A bolsista Juliana Faria, que acompanhou o grupo na realização da atividade, afirmou:

Trabalhamos também com a história do Brasil e incluímos a matemática com a prática do escambo que era utilizada na época que abordamos. Para tornar tudo mais concreto possível, fizemos uma Feira de trocas, onde todos os participantes trocavam objetos (como o escambo mesmo). Depois dessa aula, chegamos até o sistema monetário atual, onde falamos efetivamente da matemática do cotidiano. Ensinar matemática para adultos que já utilizam dela no dia a dia, mas não tem essa consciência, é um desafio, porque você precisa ensinar o conteúdo forma, conteúdo escolar para aquelas pessoas que já sabem resolver tal problema com suas técnicas e atalhos para resultado. Foi uma experiência importante para formação profissional, pois ensinamos conteúdo e aprendemos na prática a teoria que discutimos no cotidiano acadêmico de respeito ao conhecimento dos educandos. (Juliane Faria, bolsista do projeto nos anos 2015, 2016 e 2017, em entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017).



Figura 5 – Atividade Matemática: Escambo (foto do acervo do grupo)

Outra atividade realizada no projeto com o intuito de trabalhar os conceitos matemáticos foi a atividade com o material dourado, onde se reforçou o conceito de unidade, dezena e centena, pois alguns participantes tinham muita dificuldade de entender a relação da unidade no numeral. Foi feita também atividade com o material dourado trazendo para os participantes o conceito de quantidade. Depois desse conceito adquirido, propôs-se várias

atividades de adição e subtração com o material. E, por fim, usou-se um jogo de tabuleiro, cuja necessidade era marcar a quantidade e o material dourado foi utilizado como ferramenta didática. O jogo foi muito disputado e o vencedor comemorou bastante. Para melhor aproveitar esses momentos, foi necessário organizar o tempo.

Elaborar e organizar atividades lúdicas é pensar na Educação para a vida, pois conforme a bolsista Juliane Faria diz:

A experiência de trabalhar num projeto onde podemos contribuir para o desenvolvimento de outras pessoas é sempre gratificante. Em 2015 no projeto trabalhamos a matemática do cotidiano, uma matemática que fizesse sentido para aqueles que estavam aprendendo. A prática com material dourado é um facilitador para quem está tendo seus primeiros contatos com a matemática, pois dessa forma o educando consegue visualizar melhor o que é pedido nos problemas. Acredito que na educação de jovens e adultos o primeiro conceito que temos que ter claro é que são pessoas com histórias de vidas e com conhecimentos escolares ou não, que estão em buscar de mais conhecimento. (Juliane Faria, bolsista do projeto nos anos 2015, 2016 e 2017, em entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017).



Figura 6 – Atividade Material Dourado (foto do acervo do grupo)

Após essa proposta podemos perceber como é importante realizar atividades diversificadas, pois enriquece a compreensão do assunto abordado em sala.

### 3.2.9: Bibliotecas: Nacional / Parque Estadual / Unirio

No dia a dia dos encontros descobriu-se que nenhum participante jamais tinha entrado em uma biblioteca. Então o grupo de bolsistas organizou, junto à coordenação e o responsável da empresa que os participantes/ estudantes trabalham, o dia/horário mais adequado para realizar uma visita guiada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Depois de toda documentação acertada, foi realizada a primeira aula passeio. Logo na chegada à biblioteca, todos falaram que passavam de ônibus em frente a ela e não sabiam que “aquele prédio era uma biblioteca”. Foram recepcionados por um guia que, em primeiro lugar, fez uma apresentação histórica da biblioteca e do edifício e, logo depois, conduziu pelos espaços que a biblioteca possui. Todos ficaram impressionados com a grandeza e a ordem do espaço e admirados também com a busca de livros pelo computador. No encontro seguinte, fez-se uma atividade de escrita sobre o momento na biblioteca. Todos escreveram suas impressões sobre o momento vivido e pediram para voltar novamente.



Figura 7 – Biblioteca Nacional (foto do acervo do grupo)

Dando continuidade às aulas passeio e atendendo ao pedido dos estudantes, foi marcada uma visita guiada na Biblioteca Parque Estadual. Depois de resolvido todo o processo burocrático, foi marcada a segunda aula na biblioteca. Da mesma forma que ficaram surpresos com a grandeza da Biblioteca Nacional, todos ficaram admirados com o estilo diferenciado e atual da biblioteca parque. No início realizou-se os cadastros na recepção, depois colocou-se os pertences no guarda volume e, por fim, encontraram-se com o guia. O percurso começou pelo espaço de exposição do artista Augusto Boal

da época de 1940 no Rio de Janeiro. O guia explicou o significado da exposição no local, fotos e sua importância na história carioca. Logo depois, houve um tempo livre para perguntar e observar o momento. Todos fizeram perguntas sobre as fotos, pois a maioria dos estudantes eram contemporâneos dos momentos registrados nas fotos. Foi percorrido todo o percurso da biblioteca, sendo vistos: seção de atualidades, obras raras, área de multimídia, seção para portadores de deficiência, seção do ócio, lanchonete, área externa, área de leitura livre, seção infanto-juvenil e até subida pelo elevador panorâmico. Todos os espaços da biblioteca foram conhecidos e o guia acolheu perguntas, dúvidas e até sugestões.

Com relação aos momentos fora das quatro paredes a bolsista, Fabíola Fortes relata:

Quando visitamos a Biblioteca Parque Estadual com nossos alunos da EJA, alunos que em sua maioria, estavam em sua segunda experiência de visitar uma biblioteca. Já haviam ido à Biblioteca Nacional, mas o conceito de Biblioteca Parque foi o diferencial em nossa experiência. Eles chegam tímidos como em outros passeios, talvez pela sensação de não pertencimento, que muitos espaços públicos causam na maioria da população, mas logo que foram recebidos pela mediação do lugar, e ao observar o movimento de pessoas que ali frequentavam, foram se soltando e puderam se entregar ao prazer da literatura, da curiosidade, dos saberes diversos contidos naquele lugar. A cada pergunta na visita guiada, a cada livro folheado, a cada olhar de surpresa, nos olhos daqueles que imaginavam já ter visto de tudo na vida, em mim se revelava uma nova leitura, uma leitura de mundo, que só consegui entender após coadunar as minhas literaturas com a enorme sabedoria contida em cada livro-vida, de cada potencial leitor que se formava ali diante de meus olhos, sob a bênção das poesias de Vinícius de Moraes e das provocações de Leminski seguimos, eles em sua jornada literária e eu na mais profunda alegria de novata educadora. (Fabíola Fortes, bolsista do projeto no ano de 2016, em entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017).

Houve um momento de busca de literatura e leitura livre. Todos participaram, se envolveram na atmosfera da leitura e escrita. Para terminar a atividade, foi feito um piquenique nas dependências da biblioteca, algo inimaginável para alguns deles. Nos encontros seguintes, foi feito um trabalho

escrito para lembrar todos os momentos vividos naquele espaço. Essa atividade trouxe boas lembranças e momentos de descontração.

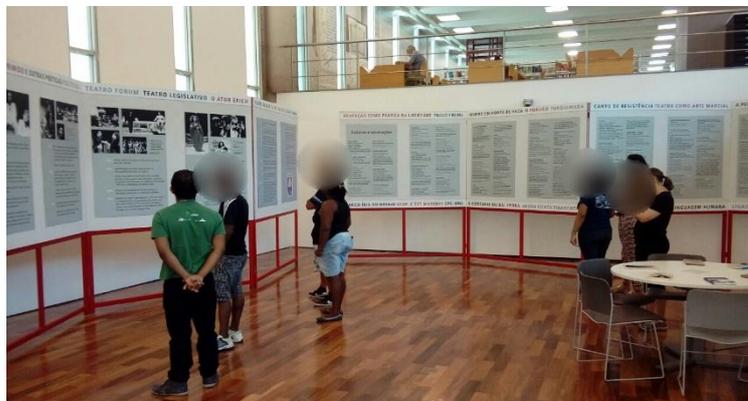


Figura 8 – Biblioteca Parque (foto do acervo do grupo)

Na biblioteca da UNIRIO, que se encontra ao lado do prédio CCH, realizou-se a última aula passeio do ano. Na chegada à biblioteca da UNIRIO, foram recepcionados pela bibliotecária que os conduziu pela biblioteca inteira. Foram realizadas pesquisas em livros pelo computador, houve acesso a alguns livros das estantes e por fim tiveram uma explicação sobre o código de busca dos livros. Porém, como a biblioteca é relativamente pequena, a visita acabou rapidamente. Então foram para a parte da biblioteca destinada ao público infanto-juvenil. Neste espaço foi possível ficar à vontade para ler, pesquisar e conversar. Com o tempo a favor, ficaram livres para escolher, ler e compartilhar a leitura realizada. Depois de uma hora de leitura, foi separado um momento para compartilhar a leitura das obras escolhidas.



Figura 9 – Biblioteca Unirio (foto do acervo do grupo)

### 3.2.10: Literatura: Poesias / Sarau

No segundo semestre de 2016, foi planejado trabalhar poesia com os seguintes autores: Cora coralina, Vinicius de Moraes, Ana Paula Cruz, Mia Couto, Luís de Camões, Gonzaguinha, Fernando Pessoa, Drummond, Paulo Leminski e Sérgio Vaz. Fazendo uso da beleza da poesia trabalhou-se nela também aspectos da ortografia, pontuação, vocabulário, coerência, coesão, leitura, escrita e oralidade. Houve preferência por autores contemporâneos e por assuntos do cotidiano para realizar as atividades e, por isso, os estudantes se identificaram mais com os autores, pois os mesmos escrevem e se expressam, muitas vezes, em linguagem coloquial. A temática também foi fator de aproximação e identificação, como foi o caso do Vinicius de Moraes, falando de amor, que alcançou a todos.

Poemas com vocabulário simples, poemas com palavras e situações do dia a dia, poemas curtos e com assuntos descontraídos foram os instrumentos de nossos encontros. O estilo dos poemas quebrou todo e qualquer preconceito sobre o assunto, pois consideravam “coisas de rico” e perceberam que todos podem ser autores e poetas.



Figura 10 – Varal Literário (foto do acervo do grupo)

Durante nossas aulas tivemos a presença de uma colega de turma que compõe textos e poesias desde sua infância. Ela participou conosco de um dia de recital, onde todos nós pudemos declamar uma poesia. Após esse dia, começamos a “ensaiar” para recitar dois poemas em um Sarau de final de ano: um poema de autoria da nossa colega de turma e outro de escolha pessoal. Depois de longos e exaustivos ensaios, chegou o grande dia do sarau, com

direito a convidados e lanche, tudo isso com um varal literário. A bolsista Jocelma Komarov, que acompanhou o grupo na realização das atividades, afirmou:

Na preparação para o Sarau cheguei a pensar que alguns não conseguiriam, pois havia uma preocupação muito grande deles em ler "corretamente" além da timidez, portanto, tivemos uma preocupação de que eles se apropriassem da leitura. Os textos foram escolhidos por eles, alguns eram elaborados e com um nível de dificuldade grande, mas foi respeitada essa escolha e, a cada aula, com muito empenho os obstáculos foram vencidos. A experiência do Sarau foi muito gratificante, conseguimos uma integração entre os participantes e a equipe e fomos brindados uma apresentação emocionante. (Jocelma Komarov, bolsista do projeto nos anos de 2015, 2016 e 2017, em entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017).

Todos recitaram poemas, compartilharam experiências e, com essa atividade, foi encerrado o ano letivo de 2016.

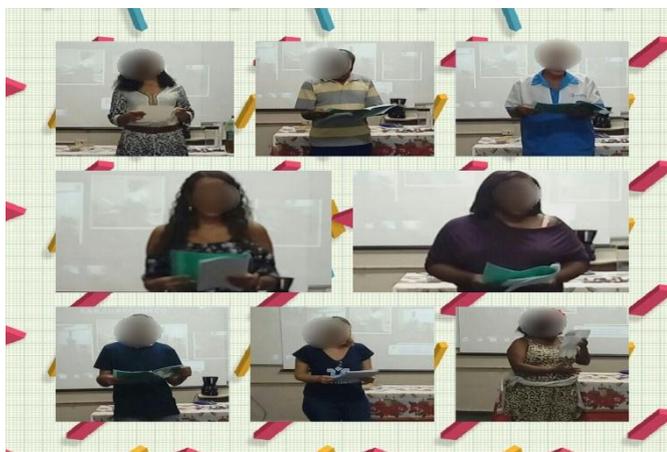


Figura 11 – Sarau (foto do acervo do grupo)

### **3.2.11: Ano 2017: Consolidando autonomia**

Todas as atividades tiveram momentos de inclusão, apresentação, inserção, valorização, pertencimento e apropriação do mundo letrado. Separando como amostra algumas atividades nesse período, onde realizamos

momentos de leitura livre, escolha de uma obra para ler e apresentação. Nesse contexto Freire diz em sua obra:

“Em qualquer caso, o estudo exige sempre esta atitude séria e curiosa na procura de compreender as coisas e os fatos que observamos. Um texto para ser lido é um texto para ser estudado. Um texto para ser estudado é um texto para ser interpretado. Não podemos interpretar um texto se o lemos sem atenção, sem curiosidade...” (FREIRE, 1996, pág.59)

Baseando-se “num ser que sabe”, durante nosso exercício na construção de estudantes críticos e libertos. A liberdade é uma conquista que exige a permanente busca, para que se possa superar a situação opressora. Como diz Freire, "Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio". (FREIRE, 2014, pág. 43). Desta forma aprendizado foi notório a aprendizagem pelos estudantes e a criatividade/colaboração em partilhar as histórias lidas foi fantástica nas construções de textos posteriormente. O projeto nesse período teve a participação das seguintes bolsistas: Jocelma Komarov e Thaianny Christinne; os voluntários Juliane Faria e Rafael Anacleto Rosa e as estagiárias Kátia Botto e a Paola Gonçalves.

### **3.2.12: Criatividade: Fotonovela**

No início de 2017, começamos com a proposta de valorizar nossa cultura e pensamos em música. Começamos a ler e ouvir samba de raiz do início do século, mas percebemos durante nossas atividades que não houve adesão ao tema. Então nas reuniões de planejamento, que realizamos toda semana, a coordenadora sugeriu trabalharmos com fotonovela que ela tinha em mãos. Levamos uma fotonovela sobre violência doméstica criada pela economista Renata Lins para discutir com grupos de mulheres para os estudantes e começamos a ler a história. Eles se identificaram com a história e nossa atividade foi um sucesso. A foto novela possuía três finais diferentes e nós fizemos o nosso final de história. Todos os participantes sugeriram um final para cada personagem da história, sendo considerada envolvente e criativa a sequência criada. Nesse movimento de criação, surgiu a ideia de produzir uma foto novela que compartilhasse parte da vida de cada um envolvido no projeto.

Então surgiu uma história de que, no 6º andar do prédio da nutrição, aconteciam coisas estranhas e barulhos misteriosos. Esse foi o “gancho” para começarmos a foto novela. Em criação conjunta, construímos uma história sobre esses tais barulhos misteriosos envolvendo até um possível fantasma. Então fizemos o texto e em três dias fizemos as fotografias envolvendo os participantes do projeto e a comunidade trabalhadora do prédio. Com todo material em mãos, uma das bolsistas se comprometeu a editar as fotos e sincronizar os textos. Este planejamento de escrita e fotos se faz importante, pois a bolsista Thaianny Christinne, bolsista do projeto no ano de 2017, traz sua experiência nessa atividade:

Iniciei no projeto Recomeço, no início de 2017, após as férias. Iniciava-se assim um novo ano, com um novo projeto semestral. No início o tema era Samba, mas com uma leitura de uma foto novela. Seguimos com o assunto como tema. Surpreendi-me com a trajetória e com os debates que surgiram. Foram enriquecedores os encontros e também trabalhar juntos para construção da história, mas a melhor parte foi fotografar as cenas! Rimos muito na construção das poses, cenários, caras e bocas!

Algumas dificuldades no caminho, às vezes o cansaço atingia, mas como grupo estamos sempre nos incentivando, para não desanimar. Apesar da maravilha de construir a foto novela juntos, selecionar e transformar em quadrinhos todo o material feito não foi fácil. Foram muitos vídeos para transformar em foto, muitas fotos para selecionar, muita indecisão em escolher, mas que está tomando forma! (Thaianny Christinne, bolsista do Projeto no ano de 2016, em entrevista escrita concedida ao pesquisador, setembro de 2017).

### **3.2.13: Cultura Regional**

No início do 2º semestre de 2017, ainda não sabíamos o que trabalhar, então, uma das bolsistas sugeriu um texto que tinha trabalhado em uma disciplina na faculdade. O texto falava sobre “fala regional”, o chamado dialeto, que marca a Língua Portuguesa no Brasil. Após a atividade, percebemos que os participantes tinham dúvidas nesta área, ou até mesmo preconceito sobre a forma de falar de outros estados brasileiros. Então, partindo dessa vivência,

foram trabalhadas as diferentes formas de se expressar oralmente nas regiões do Brasil.



Figura 12 – Contextualizando a diversidade da cultura Brasileira (foto do acervo do grupo)

Junto com essa proposta, Kátia Botto iniciou como estagiária de pedagogia no projeto e que, para nossa alegria, atua como professora de dança de salão. Surgiu então a possibilidade de conciliar os textos regionais com danças características das regiões. Começamos pelo Nordeste com o forró e foi o pontapé inicial da nossa jornada cultural. Por fim, a estagiária Kátia Botto resume a importância da organização do desenvolvimento cognitivo e corporal quando afirma que:

Ao entrarmos em contato com estes alunos, nos aproximamos também de uma parte humana que integra o cotidiano da UNIRIO, com a qual convivemos diariamente, cruzando pelos corredores da faculdade sem, no entanto, interagirmos diretamente com ela. Lidar com estes funcionários em sala de aula, onde eles têm a oportunidade de sentar no lugar de alunos, é uma experiência que tem sido enriquecedora, nos dando a oportunidade ímpar de ir além de um simples estágio. Estamos transpondo as barreiras da invisibilidade que parecem fazer parte de maneira corriqueira de nossa convivência em relação às pessoas que nos tornam possível uma permanência mais confortável e digna nas dependências acadêmicas. Estamos olhando diretamente para essas pessoas, e recebendo de volta um olhar renovado sobre o que somos e o que podemos fazer para sermos melhores com elas, através de nossa formação. (Kátia Botto, estudante de pedagogia e estagiária do projeto em entrevista concedida ao pesquisador, setembro de 2017)

Foi divertido e enriquecedor a união da dança com o texto lido para todos, pois foi possível perceber em outra região do Brasil uma riqueza tão grande e diferente da nossa.

Diante de todo o processo vivenciado, foi possível refletir que, a partir de atividades bem elaboradas, torna-se viável trabalhar várias áreas do desenvolvimento. Segundo Freire:

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem e formado forma-se e forma ao ser formado. É nesse sentido que ensinar não é transmitir conhecimentos, conteúdo, nem formar e ação pela qual um sujeito criador da forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto, um do outro. (FREIRE, 1996, pág.23)

Através das vivências das estagiárias, bolsistas e voluntários foi possível perceber o desenvolvimento dos estudantes. Suas falas e contribuições foram significativas para entender o processo de ensino aprendizagem do dia a dia do projeto. Como relatado pela coordenadora, o nosso compromisso é com a cidadania:

É uma alegria ver os participantes ganhando o mundo. Indo a Museus, lendo poesias e textos variados (textos interessantes e não simplificados pelo fato de eles terem pouca desenvoltura leitora), produzindo suas poesias, fotonovelas, debatendo temas variados, se desafiando no campo da matemática... fica a certeza de que o projeto faz diferença para bolsistas e participantes, que podem vivenciar a força de um grupo de apoio, que se importa, que mantém vínculos de afeto e de compromisso uns com os outros. Muito rico e animador! (Adriane Ogêda, coordenadora do projeto, em entrevista concedida ao pesquisador, setembro de 2017)

O desenvolvimento que presenciei durante minha participação com eles foi encantador e muito significativo, principalmente no que diz respeito as áreas de autonomia, leitura e escrita. Durante nossa vivencia, foi possível perceber o quanto o projeto Recomeço contribuiu no cotidiano dos participantes.

## CAPITULO 4

### Os sujeitos do projeto e suas histórias

Neste capítulo apresento os sujeitos do projeto Recomeço que estiveram conosco ao longo de 2017. Acreditamos que contar sua história é fundamental, para dar visibilidade a seus percursos e questões de vida. A leitura e escrita são compreendidas como fatores decisivos de inserção social, especialmente nos centros urbanos e, por esse motivo, o projeto tem se debruçado em praticar a inserção dos participantes no mundo letrado. Serão abordados história, falas e produções dos mesmos para expressar seus *Recomeços*.

#### 4.1. Os Participantes e suas experiências

Nesse pequeno relato sobre a vida, primeira impressão da aula, o que mais gostou nas atividades, mudança no dia a dia e o que gostaria saber nas próximas aulas foram os objetivos do registro do nosso livro bibliográfico. Foram dedicados alguns dias para escrever sobre esses pontos. Todos fizeram da maneira que gostariam de relatar. Porém os textos sofreram revisão pois foram impressos numa publicação. O critério de que o texto seria público justificou nossa intervenção e revisão textual. Essa forma final é revisada.

##### 4.1.1 Gerusa Alves Viana

Sou carioca, moro em Caxias, Rio de Janeiro. Eu sou baixinha, gordinha e escurinha. Eu sou de escorpião. Extrovertida, divertida, com personalidade, forte, batalhadora e procuro ser justa sempre. Sou sim falha. Tenho três filhos criados. Lindos! Me divirto muito com eles.

A minha primeira aula foi um escândalo, fiquei muito nervosa. Fui me acostumando, comecei a gostar e fui pegando o gostinho não quero mais parar. O destaque das aulas para mim foi: a História do Brasil e os poemas. As aulas de português são muito interessantes. Tivemos diversos convidados para nossas aulas. Falamos da BNC – base nacional comum, sobre as escolas, e se

é justo o que está sendo discutido sobre isso. O Professor Diego foi muito legal. Eu gostei das aulas, não foi difícil lembrar e muito divertido, eu gostei, aprendi muito. Também tivemos Genáina que falou sobre a dengue, como é importante saber mais. Tivemos também a Marianne com aulas de inglês, adorei, foi pouco tempo e gostaria de mais aulas.

Tudo ficou mais fácil, a leitura, um nome de uma rua, receitas e livros. Não me sinto leiga, não me sinto envergonhada. Já me sinto à vontade com as letras, é uma sensação de liberdade comigo mesma. Às vezes eu me travo na leitura, mas isso não quer dizer que eu não sei ler. A minha expectativa é ampliar o que aprendi. Saber mais do que sabia. Nem sequer tinha noção do que aprendi. Nossa que bom! Os meus olhos brilham com isso tudo. (BOAS, LIMA, FARIA, ROSA, LOUVERO, Recomeço: Projeto de extensão para jovens e adultos. Setembro de 2015, produção dos textos biográficos dos participantes do projeto prática de leitura)

#### **4.1.2 Marcos Gonçalves**

Bom, eu nasci no interior do estado do Rio de Janeiro, vim para a capital ainda pequeno. Sou de uma família humilde, porém trabalhadora, somos em 10 irmãos, sendo quatro homens e seis mulheres. Estudei até a 4ª série. Mais tarde fui trabalhar e aos 18 anos construí uma família, fui casado por seis anos da qual tenho um filho que hoje, dia 10 de dezembro, completa 35 anos. Aos 29 anos constituí outra família e fui casado por 10 anos, dessa união tenho uma filha de 24 anos que me deu um casal de netos que amo muito, todos são presentes de Deus.

Todas as aulas que tivemos foram muito importantes, para mim, por que teve oportunidades de lembrar coisas, que não lembrávamos, mas com o descobrimento do Brasil. Teve muitas outras aulas importantes como matemática. Aprendemos o que é escambo e uma feira como se troca uma mercadoria pela outra como se dispensava a moeda. Gostei também do assunto sobre a dengue. Um inseto cujo a picada transmite doenças. Bom, gostei da aula de história, pois lembramos o que é mídia, televisão, rádios e jornais, e observar como eles funcionam. Após eu participar do projeto muitas

coisas mudaram “tipo” modo de pensar, porque não me via dentro de uma sala de aula novamente. Sentir novamente as explicações dos professores, ter diálogo com os colegas. Está sendo para mim tudo novidade, como se fosse a primeira vez.

Bom, para o futuro vamos pensar bem, porque tem muitas coisas a descobrir. Então vamos que vamos aprender mais, para que no futuro possamos desfrutar, colocando em prática tudo que aprendemos por aqui, ou seja, na escola. Sem mais, agradeço a oportunidade. (BOAS, LIMA, FARIA, ROSA, LOUVERO, Recomeço: Projeto de extensão para jovens e adultos. Setembro de 2015, produção dos textos biográficos dos participantes do projeto prática de leitura).

#### **4.1.3 Sebastião da Silva Donato**

Sou carioca, moro na cidade do Rio de Janeiro, tenho 59 anos, quatro filhos e dois netos. Sou uma pessoa muito bacana que adora ajudar muitas pessoas. Sou muito agitado e simpático, nervoso, bem-humorado e bonito. Profissão pintor. Mas não sou brabo.

A primeira aula foi muito importante para mim, foi sobre cidadania. Bom, de todas as oportunidades que nós tivemos, eu gostei de matemática, leitura e história. Gostei de todas as professoras e as aulas sobre o descobrimento do Brasil foram muito importantes para mim. Gostei muito da aula sobre patrimônio cultural e aula de inglês, nesta aula eu descobri que falava alguma coisa de inglês, mas eu queria aprender mais. Aula do professor Diego sobre gêneros textuais e poesias foi muito importante para mim e a aula da professora Genáina, achei que foi muito importante por falar sobre a dengue.

Após o ingresso no projeto minha vida foi muito importante para mim. Aprendi a escrever e fazer contas. Na minha vida foi muito importante se não fosse vocês na minha vida. Eu espero dar continuidade a sala de aula porque para mim foi muito importante, porque aprendi muitas coisas. Aprendi escrever e ler. Quero continuar aprendendo mais porque o futuro começa na escola. (BOAS, LIMA, FARIA, ROSA, LOUVERO, Recomeço: Projeto de extensão para

jovens e adultos. Setembro de 2015, produção dos textos biográficos dos participantes do projeto prática de leitura).

#### **4.1.4 Terlino Briel**

Eu sou natural do Espírito Santo, casado, pai de quatro filhos, dois deles já formados e dois que estão no segundo grau. Sou muito agitado, sempre muito educado e trabalhador. Não gosto de desonestidade, sempre procuro ajudar, quando posso, ou sou solicitado. Gosto de participar de futebol no Parque do Flamengo e no Parque de Madureira. Sou participante do evangelho. Sempre frequento as programações aos domingos.

Cheguei à primeira aula e começamos a estudar os direitos e deveres dos cidadãos. A partir daí fui conhecendo todos os meus colegas de trabalho e também as professoras. Ao prosseguir das aulas passei a gostar das matérias e também dos convidados que sempre ensinavam outras histórias. Achei que na matéria que aprendi sobre a situação da dengue, pude aprender sobre a maneira como devemos agir para combater a doença. Tivemos também uma convidada que falou sobre história, foi muito importante. Sobre patrimônio o que é objeto material é imaterial. Eu tinha dúvidas sobre a diferença. Tivemos outra aula que foi muito importante sobre mídias, como a mídia tem muita facilidade em alterar as notícias e a gente não observa qual é o interesse. Houve uma aula de inglês que observei que o inglês está presente em todos os lugares do Brasil. Eu também aprendi sobre a mudança do ensino no Brasil. Eu acho importante porque quando o aluno tem que se mudar de estado ele não fica prejudicado porque o ensino é o mesmo.

Após eu começar meus estudos no grupo Recomeço, posso observar que estou realmente indo cada dia mais. Em todas as matérias melhorei bastante e especialmente na leitura e pontuação. Gostei muito das aulas de História. A minha expectativa para o futuro é muito grande, pois penso em continuar animado para estudar no próximo ano. Quero terminar o meu primeiro grau. (BOAS, LIMA, FARIA, ROSA, LOUVERO, Recomeço: Projeto de extensão para jovens e adultos. Setembro de 2015, produção dos textos biográficos dos participantes do projeto prática de leitura)

## 4.2. Produções dos Participantes

A teoria coaduna com a prática, na medida em que os participantes do grupo tornam-se sujeitos ativos do processo ensino aprendizagem, atingindo um nível de autonomia e segurança, que lhes permite a procura de outros meios para continuidade dos estudos. Exercendo assim sua autonomia segundo Freire (2011):

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (FREIRE, 2011, pág.67)

Baseado nisso exercitamos em nossas atividades o respeito, compreensão e humildade entre educadores e educandos em nosso método de ensino/aprendizagem. Segue algumas atividades de escrita dos participantes observados no decorrer do exercício do projeto. Fazemos abaixo das produções dos participantes a transcrição para facilitar a leitura, uma vez que ao escanear a definição fica um pouco comprometida. Transcrevemos da forma que o autor escreveu, sem intervenções.

### 4.2.1 Gerusa Alves Viana

Nesta atividade foi trabalhada as notícias do dia a dia. Como utilizamos o cotidiano nas aulas e tudo que acontece ao redor. Buscamos utilizar notícias de jornais e revistas para provocar uma situação de leitura e escrita na aula. Segue abaixo o fruto dessa atividade.

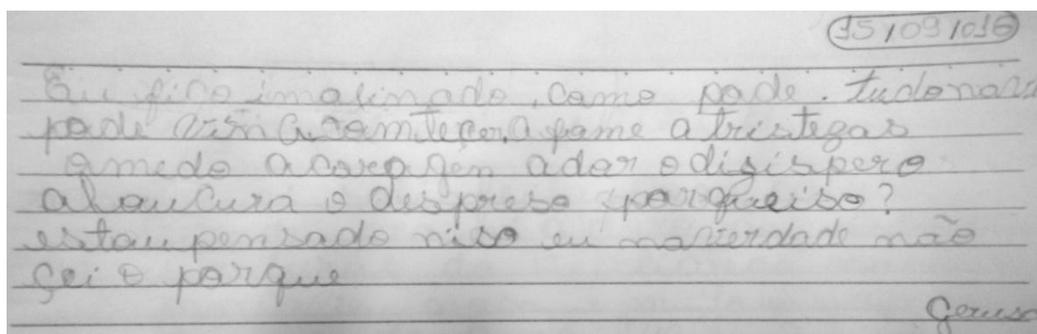


Figura 13 – Escrito da Gerusa - 2016 (foto do acervo do grupo)

Transcrição da escrita: “Eu fico imaginado, como pode tudo na vida pode vin acontecer. A fome a tristezas o medo a coragem adorar o desespero a loucura o desprezo porque? Estou pensando nisso eu na verdade não sei o porque.” (Gerusa)

Nesta outra atividade foi trabalhado a escrita de uma pessoa que admira. Como estávamos trabalhando poesias e o assunto em questão era admiração por alguém, utilizamos como apoio para realizar um texto referente a uma pessoa que estimamos. Segue abaixo o texto:

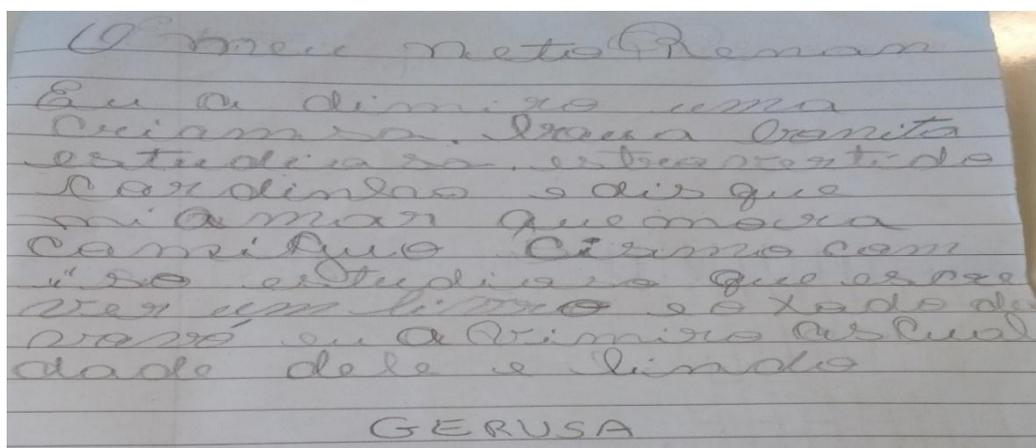


Figura 14 – Escrito da Gerusa - 2016 (foto do acervo do grupo)

Transcrição da escrita: “O meu neto Renan” – Eu a dimiro uma criamsa. Boua bonita estudiosa estrovertido cardinho e dis que mi amar que mora comiguo cisma com isso estudioso que escrever um livro e o xodo da vovó eu a vimiro ascuialidade dele é lindo.” (Gerusa)

#### 4.2.2 Marcos Gonçalves

Esse texto foi gerado após um debate sobre as Olimpíadas sediadas pela nossa cidade do Rio de Janeiro em 2016. Após calorosa discussão e troca de ideias, todos registraram suas opiniões.

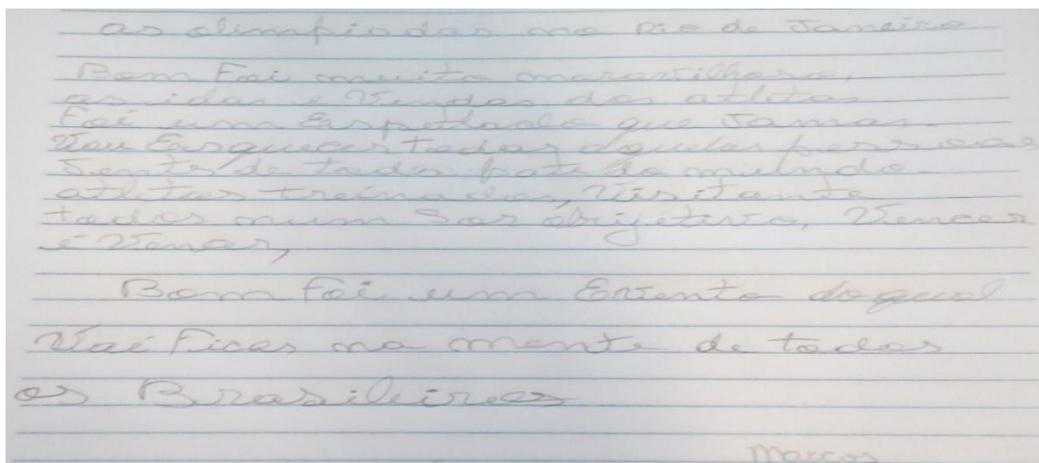


Figura 15 – Escrito do Marcos - 2016 (foto do acervo do grupo)

Transcrição da escrita: “As olimpíadas no Rio de Janeiro” - Bom foi muito maravilhosa, as idas e vindas dos atletas. Foi um espetáculo que jamais vou esquecer todas aquelas pessoas jentes de toda parte do mundo. Atletas treinados, visitante. Todos num sor objetivo, vencer é vencer. Bom foi um evento do qual vai ficar na mente de todos os Brasileiros.” (Marcos)

Nesta outra atividade foi trabalhado a escrita de uma pessoa que admira. Como estavam trabalhando poesias e o assunto em questão era admiração por alguém, utilizamos como apoio para realizar um texto referente uma pessoa que estimamos. Segue abaixo o texto:

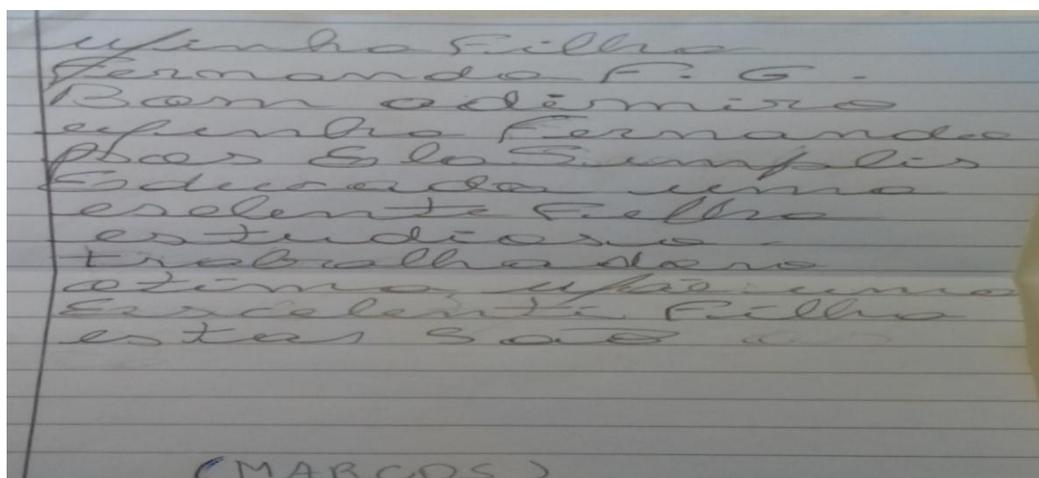


Figura 16 – Escrito do Marcos - 2016 (foto do acervo do grupo)

Transcrição da escrita: "Minha filha Frenanda F. G." – Bom adimiro minha Filha fernanda pos Ela simplis Educada uma eselente Filha estudiosa trabalhadora otima mãe uma escelente Filha estas são." (Marcos)

#### 4.2.3 Sebastião da Silva Donato

Nesta atividade trabalhamos a política do Brasil. Com vários escândalos de corrupção nos telejornais e revistas. Buscamos utilizar notícias de jornais e revistas para provocar uma situação de leitura e escrita na aula. Segue abaixo o fruto dessa atividade.

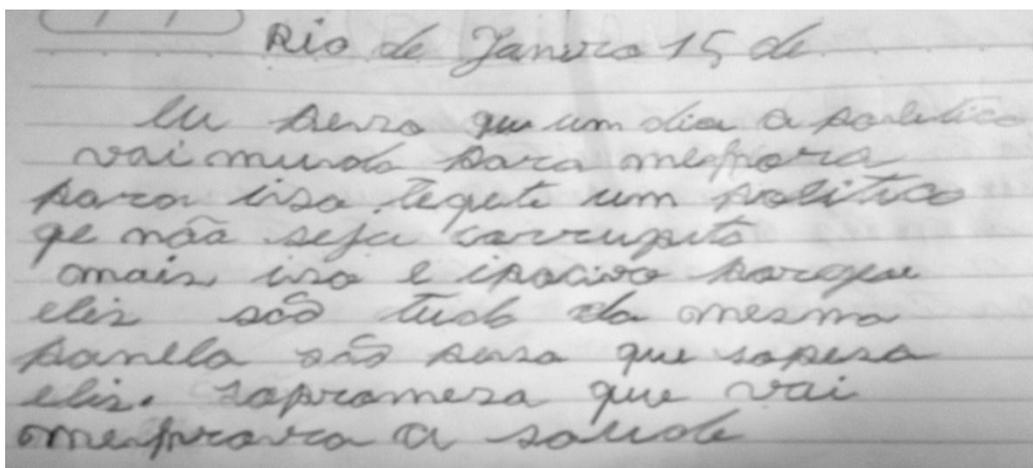


Figura 17 – Escrito do Donato - 2016 (foto do acervo do grupo)

Transcrição da escrita: "Rio de Janeiro 15 de" – eu penso que um dia a politica vai muda para melhora para isso teqete um politico que não seja corrupito mais isso e ipocivo porque elis são tudo da mesma panela são pesa que sopesa elis. Sopromesa que vai melrava a saude." (Donato)

Nesta outra atividade trabalhamos a criação de poesia. No ano de 2016 trabalhamos vários autores de poesia. Como isso separamos um dia para os participantes criarem sua própria poesia. Assim foi, segue poesia criada.

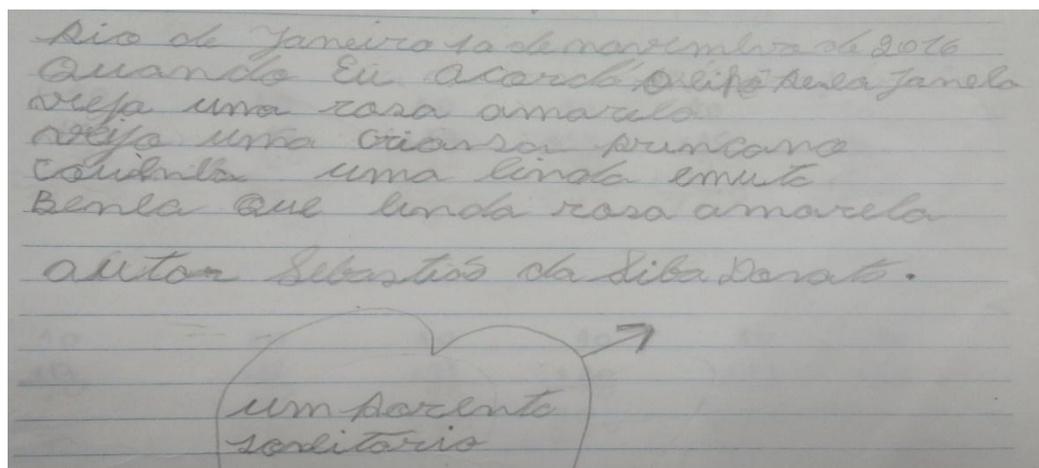


Figura 18 – Escrito do Donato - 2016 (foto do acervo do grupo)

Transcrição da escrita: “Rio de Janeiro 10 de novembro de 2016” – Quando Eu acordo olho pela janela. vejo uma rosa amarela. vejo uma criança brincando. Bemla que linda rosa amarela. Autor Sebastião da Silva Donato. – um parente solitário.” (Donato)

Nesta outra atividade trabalhamos a escrita da visita realizada na biblioteca Parque. Em outro dia, após a visita, fizemos uma roda de conversa em sala de aula para relembrar todo passeio que fizemos na biblioteca. E logo depois cada um fez o registro do que mais gostou.

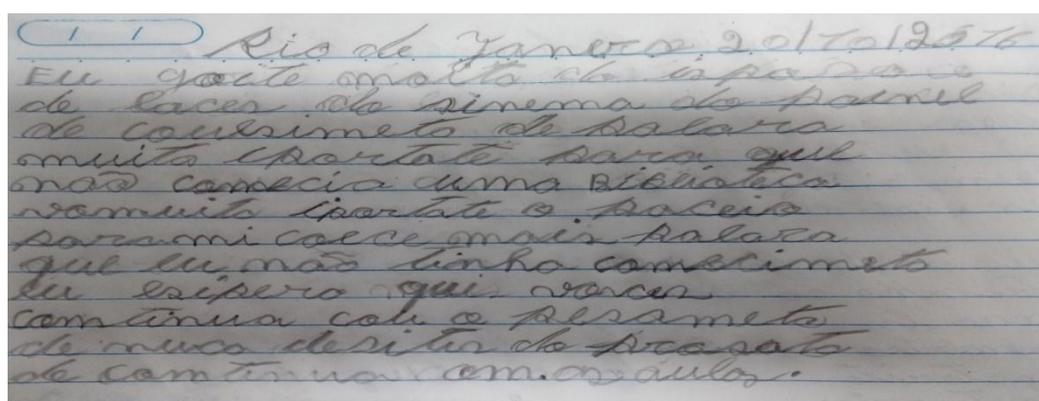


Figura 19 – Escrito do Donato - 2016 (foto do acervo do grupo)

Transcrição da escrita: “Rio de Janeiro 20/10/2016” – Eu gostei muito do espaço e de laces do cinema do painel de cousimeto de palara muito iportate

para que não começava uma biblioteca vomuito iportate o pacheio para mi coece mais palara que eu não tinha comecimeto eu esipero que voces continua cou o pesameto de nuca desitir do prosato de continua com as aulas.” (Donato)

#### 4.2.4 Terlino Briel

Nesta atividade foi trabalhado a escrita de uma pessoa que admira. Como estávamos trabalhando poesias e o assunto em questão era admiração por alguém, utilizamos como apoio para realizar um texto referente uma pessoa que estimamos. Segue abaixo o texto:

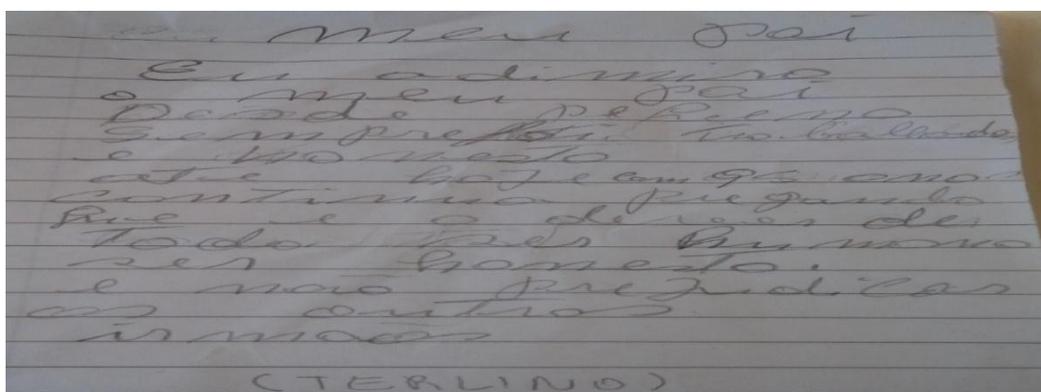


Figura 20 – Escrito do Terlino - 2016 (foto do acervo do grupo)

Transcrição da escrita: “Meu Pai” – Eu admiro o meu pai desde pequeno sempre foi trabalhador e honesto até hoje com que amo. Continua pregando que é o dever de todo ser humano ser honesto. E não prejudicar os outros irmãos.” (Terlino)

Nesta outra atividade trabalhamos a política do Brasil. Com vários escândalos de corrupção nos telejornais e revistas. Buscamos utilizar notícias de jornais e revistas para provocar uma situação de leitura e escrita na aula. Segue abaixo o fruto dessa atividade.

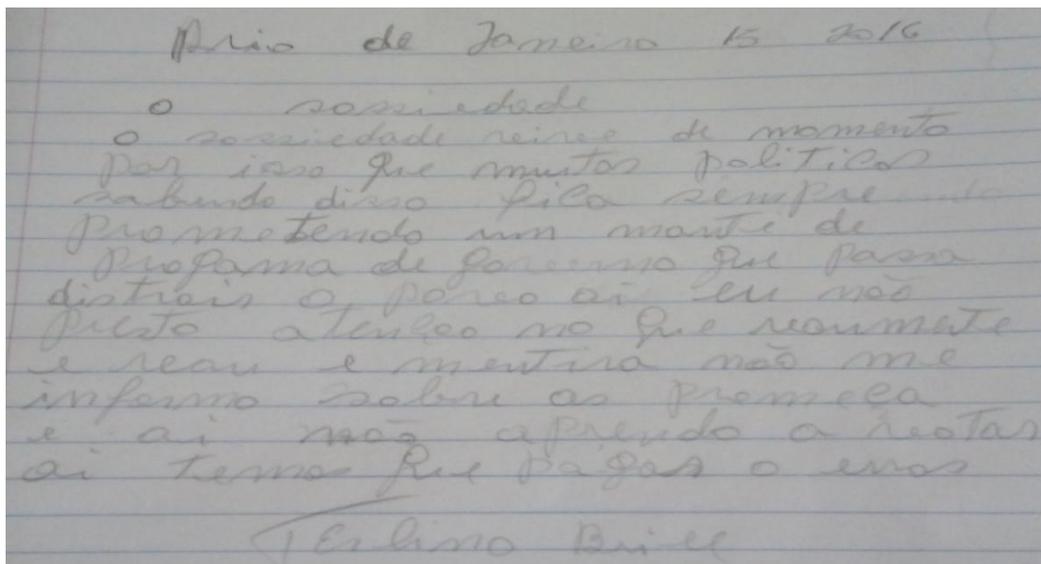


Figura 21 – Escrito do Terlino - 2016 (foto do acervo do grupo)

Transcrição da escrita: “Rio de Janeiro 15 2016” – O sociedade – O sociedade vive de momento por isso que muitos políticos sabendo disso fica sempre prometendo um monte de programa de governo que passa distrair o povo ai eu não presto atenção no que reoumente e real e mentira não me informo sabre as promessa e ai não aprendo a votar ai temos que pagar o erros.” (Terlino Briel)

Através das atividades realizadas no projeto buscamos fortalecer o processo de ensino e aprendizagem que conduzimos durante a vigência do projeto, alicerçando o processo de construção da cidadania e que sejam sujeitos capazes de agir socialmente. Baseado nisso exercitamos em nossas atividades o respeito, compreensão e humildade entre educadores e educandos no método de ensino/aprendizagem. A ação de respeito/compreensão da vivencia do educando foi baseado em Freire. Exercendo assim sua autonomia segundo Freire (2011):

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (FREIRE, 2011, pág.67)

Fizemos durante o exercício do projeto leituras, escritas e construções de poesias. Fazer-se sujeito, libertar-se é o sentido maior do compromisso histórico que se tem para com o homem, é participar de uma prática humanizadora.

## CONCLUSÃO

A educação no Brasil desde seu “descobrimento” até a década de 1970 era restrita às classes nobres, com isso era negada ao restante da população. Essa situação gerou várias lutas e conquistas na educação, deixando assim de ser para as classes privilegiadas. Somando as constituições de 1934 e 1988 com as LDB's de 1971 e 1996 as portas de acesso ao povo brasileiro para estudar foram abertas e ampliadas. Buscando colaborar no acesso à educação aos sujeitos de EJA, ações universitárias com a finalidade de incluir e valorizar a população esquecida são necessárias. O desenvolvimento de saberes e práticas desejáveis que enlacen os conhecimentos metodológicos e práticas no ambiente da educação de jovens e adultos devem ser desejáveis na condução do educador para uma postura crítico-reflexiva que impulsiona a aprendizagem do educando.

O presente estudo nos faz refletir a importância do projeto de extensão universitária na modalidade EJA nas ações inclusivas na população em torno do campus universitário. Através do reconhecimento da vivência dos participantes buscamos no decurso da mediação do conhecimento intervir na realidade dessa população. A construção e socialização dos conhecimentos apresentados pelos sujeitos da EJA no ambiente de aprendizagem favorece a formação de estudantes críticos.

A pesquisa buscou evidenciar a importância do “Projeto Recomeço”, como um meio para inserir aqueles alunos que foram segregados ou marginalizados da escola, sendo impedidos de concluir os estudos em idade própria. Os participantes fazem parte de uma mesma geração, trazendo consigo muita força na luta pela vida e principalmente uma expectativa por um futuro em melhores condições. Por isso, consideramos de fundamental importância que nós, educadores desta modalidade de ensino sejamos incansáveis, na tentativa de cada vez mais, acolher, motivar e incluir os modos de ser destes adultos, porque segundo os próprios participantes, de acordo com as suas trajetórias, não encontraram acolhimento na escola para as suas necessidades e expectativas.

A elaboração de práticas de aprendizagem no “Projeto Recomeço” ressalta a afetividade e valorização como fundamentais na condução das aulas. Conhecer os participantes, saber sua história de vida, suas expectativas e os motivos que levaram a voltar a estudar foram fatores que geraram o plano de aula do projeto. A interdisciplinaridade para a devida formação de instâncias de ordem social, política, econômica e cultural são relevantes para o ingresso desses participantes na sociedade letrada como cidadão crítico.

Com esta pesquisa encontramos pistas que indicam que estes estudantes “segregados” trazem consigo uma trajetória truncada de escolarização, com reprovações, desistências e abandonos. Deste modo ações pedagógicas humanitárias são necessárias para a inclusão dessa população.

E não poderia finalizar sem explicitar minha compreensão de que na sociedade contemporânea capitalista, desigual, excludente e que valoriza a concentração de renda exclui grande parte da sociedade do contexto escolar. Portanto um estudo/exercício da criação de uma metodologia de ensino que busque entender as necessidades dos participantes da EJA faz-se necessária e urgente, e, além disso, as políticas públicas de educação devem reforçar a capacitação dos docentes para que estes se transformem efetivamente em parceiros dos alunos no processo de aprendizagem, ajudando-os a superar os obstáculos e proporcionando uma participação efetiva na sociedade e na construção de um cidadão crítico e ativo.

**REFERÊNCIAS:**

- ANDRADE, Eliane Ribeiro. **Alfabetização de Jovens e Adultos no Brasil: lições da prática**. Brasília. UNESCO, 2008.
- DI PIERRO, Maria Clara. **A Educação de Jovens e Adultos no Plano Nacional de Educação: Avaliação, Desafios e Perspectivas**. Educ. Soc., Campinas, v.31, n.112, p. 939-959, jul - set. 2010.
- PAIVA, Jane. **A Construção Coletiva da Política de Educação de Jovens e Adultos no Brasil**. Brasília, v. 22, n. 82, p. 59-71, nov. 2009.
- PAIVA, Jane. **Educação de Jovens e Adultos: Direito, Concepção e Sentido**. Niterói/RJ, nov. 2005.
- OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e Adultos como Sujeitos de Conhecimento e Aprendizagem**. Revista Brasileira de Educação, set\out\nov\dez, nº 12, 1999.
- LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 10º ed. – SP - Ed. Cortez, 2000.
- MARCONDES Maria Inês, TEIXEIRA Elizabeth, OLIVEIRA Ivanilde Apoluceno de. **Metodologias e Técnicas de Pesquisa em Educação**. Belém. EDUEPA, 2010.
- PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da Pesquisa, Abordagem Teórica-Prática**. 10º ed. Campinas, SP. Papirus, 2004.
- LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_, Paulo. **Educação com práticas da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

- \_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- \_\_\_\_\_, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Vozes, 1996.

- \_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

- FREINET, Célestin. **As Técnicas Freinet da Escola Moderna.** São Paulo: Martins Fontes, 1973.

- GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã.** São Paulo: Cortez, 1994 (coleção Questões de nossa época).

-BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*, nº 5692 de 11.08.71, capítulo IV. Ensino Supletivo. Legislação do Ensino Supletivo, MEC, DFU, Departamento de Documentação e Divulgação, Brasília, 1974.

\_\_\_\_\_. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 18 nov 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB 11/2000, de 7 de julho de 2000. Diretrizes curriculares nacionais para educação de jovens e adultos. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 9 jun. 2000. Seção 1e, p.15. Disponível em:

<

[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer\\_11\\_2000.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf)

>. Acesso em: 27 nov 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. *Planejando a Próxima Década: conhecendo as 20 metas do plano Nacional de Educação*. Disponível em:

<[http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne\\_conhecendo\\_20\\_metas.pdf](http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf)>. Acesso em: 18 nov 2017.

- \_\_\_\_\_. Lei nº. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 ago. 1971. Data de acesso: 17 de julho de 2017.

- \_\_\_\_\_. Lei nº. 11.494, de 20 de junho de 2007. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB. Data de acesso: 17 de julho de 2017.

- \_\_\_\_\_. Constituição (1934). Brasília: Planalto do Governo. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm)>. Data de acesso: 17 de julho de 2017.

- GUEDES, Adriane Ogêda; KOMARV, Jocelma; FARIA, Juliane. **Recomeço: retomando a leitura e a escrita, experiências de um projeto de extensão com jovens e adultos**, RAI. RUM., VOL. 04 RIO DE JANEIRO, AGO., 2016.

- LIMA, Maria Lúcia. **Um olhar para o “recomeço”: as ações praticadas no projeto de extensão “práticas de leitura e escrita - grupo cultural para jovens e adultos”**. Rio de Janeiro, 2015.

- BOAS, LIMA, FARIA, ROSA, LOUVERO, **Recomeço: Projeto de extensão para jovens e adultos**. (Produção dos textos biográficos dos participantes do projeto prática de leitura), Rio de Janeiro, 2015.